



Inferências preliminares sobre a visão e significados da promoção da leitura nas Bibliotecas Públicas Municipais da Área Metropolitana de Lisboa

Vera Maria da Silva

Universidade de Évora, Biblioteca Municipal do Seixal, Portugal, vera.silva@cm-seixal.pt

Este texto não considera as normas do acordo ortográfico de 2009

This work is Financed by national funds by FCT - Foundation for Science and Technology under the project UID / HIS / 00057 / 2013

Resumo

A promoção da leitura, que se foi progressivamente afirmando desde a Sociedade Moderna, é de incontornável importância na cultura da informação na actual Sociedade do Conhecimento. Neste novo contexto societal, em processo de transformação, o que fazem as Bibliotecas Públicas Municipais (BP) para prover a leitura nas suas comunidades? Para um melhor conhecimento das bases teóricas e empíricas modeladoras da sua acção, propomo-nos partilhar e discutir inferências preliminares da visão e significados de *promoção da leitura* (PL) existente nas bibliotecas públicas. Elas resultam da identificação e interpretação da informação recolhida em entrevistas para a investigação qualitativa que estamos a desenvolver, *Práticas de Promoção da Leitura nas Bibliotecas da Área Metropolitana de Lisboa* (AML).

Palavras-chave: promoção da leitura, literacia, biblioteca pública, investigação qualitativa.

Abstract

Reading promotion, that has progressively asserted itself since modern society, is of paramount importance in information culture in the current Knowledge Society that rules all the significant economic and cultural spaces. In this new transforming social context what can Municipal Public Libraries (BP) do in order to promote reading within its communities? For a better knowledge of theoretical and empirical that model its action, we propose to share and discuss preliminary interferences in vision and meaning of reading promotion (PL) that currently exists in public libraries. They result in the identification and interpretation of the information gathered in interviews for the qualitative investigation that we are currently developing, *Reading Promotional Practices in Public Libraries in the Metropolitan Area of Lisbon* (AML).

Keywords: vision and significance of reading promotion, reading promotion, literacy, public libraries

O contexto

A opacidade existente no conhecimento do que são e como se operacionalizam práticas de promoção da leitura (PPL) nas bibliotecas públicas (BP) portuguesas, levou-nos a realizar a investigação em curso¹Tal constitui uma lacuna sobre o papel e contributo social das bibliotecas na/para a sociedade, comunidades locais e vida das pessoas. E, também, falta de informação para uma

necessária reflexão dos profissionais sobre promoção da leitura. Este relativo vazio, que será desejável minorar, pode decorrer de um histórico de falta de estudo sobre a leitura pública e de investigações com enfoque qualitativo que permitam efectivo conhecimento sobre o que são e como se processa o trabalho das bibliotecas portuguesas na promoção da leitura, dimensão que os importantes estudos quantitativos publicados não permitem aferir cabalmente.

Tipo	2007		2008	
	Número	Percentagem	Número	Percentagem
Ateliê	137	41,0	105	36,3
Espectáculo	36	10,8	19	6,6
Acção de Formação	33	9,9	16	5,5
Exposição	28	8,4	15	5,2
Comunidade de Leitores	4	1,2	7	2,4
Curso Breve de Literatura	1	0,3	0	0,0
Outros tipos	84	25,1	105	36,3
Não é possível classificar	11	3,3	22	7,6
<i>Total</i>	<i>334</i>	<i>100,0</i>	<i>289</i>	<i>100,0</i>

QUADRO 1: “Actividades vocacionadas para a promoção da leitura”, em *Promoção da Leitura nas Bibliotecas Públicas* (Neves; Lima, 2009, p. 95).

Estudos extensivos sobre leitura e bibliotecas nas áreas da sociologia da leitura, das ciências da informação e documentação, apesar da sua relevância, baseiam-se em metodologias quantitativas (veja-se quadro 1). O seu objectivo, de produzir informação com vasta cobertura de campo sobre grandes amostras com representatividade estatística, se necessário para a avaliação da situação da leitura pública portuguesa, e de utilidade para desenhar estratégias nacionais, não fornece informação aprofundada das realidades que enformam promoção da leitura² e literacia³. Em artigos e comunicações existe informação difusa focalizada em práticas específicas. Relatam acções de promoção de leitura, indicam os destinatários, por vezes o número e tipo de participantes envolvidos e avaliação efectuada. São trabalhos úteis mas insuficientes para traçar um panorama do quadro da promoção da leitura nas bibliotecas públicas municipais, consideração que sustentamos nos resultados da revisão da literatura que efectuámos.

Considerámos como hipótese a possibilidade de saber como as bibliotecas públicas municipais (BP) da Área Metropolitana de Lisboa (AML) promovem a leitura e operacionalizam as suas práticas. Começámos por procurar conhecer a moldura conceptual de promoção da leitura existente nessas bibliotecas, a parte da investigação que se destaca nesta comunicação. A investigação em curso pretende, também, conhecer como se processam as práticas de promoção da leitura (PPL); que enquadramento as envolve (paradigmático, ideológico, histórico); saber que modelos e dimensões predominam (actividades de animação⁴, educativas⁵, culturais⁶, lúdicas⁷, de entretenimento⁸); conhecer como elas enquadram os participantes e que competências são visadas; como é feita a avaliação das PPL; aferir consonância e dissonância entre referenciais teóricos, objectivos e resultantes das PPL realizadas; perspectivar adjuvantes e oponentes com que as BP se confrontam para operacionalizar PPL e que possíveis mudanças os bibliotecários julgam importantes para uma eventual melhoria das PPL.

A amostra da investigação são as bibliotecas municipais dos concelhos da AML, um universo nacional restrito mas expressivo⁹ e uma amostra representativa, pois incluiu as bibliotecas dos dezoito concelhos. O marco cronológico para a focalização deste estudo exploratório e descritivo cobre o período de 2009 a 2013. Não se pretende investigar a história ou histórico das PPL, mas o que elas são

actualmente e determinaram-se limites cronológicos com proximidade ao presente. Iniciámos as entrevistas no primeiro trimestre de 2014 para estarem disponíveis os relatórios de 2013 e os inquiridos tido oportunidade de reflectir sobre os resultados. O arco temporal de média duração, cinco anos permitia, também, contornar inconsistências induzidas por ocasionais projectos avulsos e/ou casuísticos e eventuais factores decorrentes de alterações nas políticas locais de leitura pública provocadas por mudanças nos executivos municipais quadrienais. Para a finalidade de acrescentar conhecimento a uma realidade relativamente desconhecida, começamos pelo levantamento exploratório do estado da arte sobre o tema da investigação e por decidir a metodologia que melhor serviria o propósito de saber o que são e como se processam as práticas de promoção da leitura nas bibliotecas da AML. Confirmámos a situação de falta de informação nas pesquisas realizadas na internet¹⁰ e em bibliografia impressa (livros, revistas e artigos científicos). Também procurámos nas referências bibliográficas desses trabalhos e não encontramos estudos extensivos de enfoque qualitativo sobre PPL promovidas nas bibliotecas públicas portuguesas. Surgiu-nos substantiva literatura sobre a história das bibliotecas, papel educativo e cívico das BP na difusão, acesso e promoção da leitura e das literacias; vasta literatura teórica e prática sobre sociologia da leitura, pedagogia e didáctica da leitura¹¹, literacia da informação e outras literacias¹².

Apesar da lacuna existente, a revisão da literatura permitiu-nos obter o *referencial teórico* sobre leitura; promoção da leitura; conceito de alfabetização/leitura/literacia; actividades de animação/educativas/lúdicas. E facultou-nos identificações do significado/projecções sociais de conceitos-chave e utensilagem para reflectimos na articulação destes conceitos com a própria investigação e enquadrar a visão e significados atribuídos pelos entrevistados a *práticas de promoção da leitura*. A revisão da literatura contribuiu para a consolidação de bases metodológicas em obras especializadas e constatarmos a sua aplicação noutros estudos. Firmou, também, o horizonte teórico da investigação no quadro do conhecimento sobre a leitura e, lateralmente, conduziu-nos a algum pensamento, apologético ou crítico, sobre o actual contexto de *sociedade da informação* e indústria cultural¹³.

No *estado da arte*, constatámos que trabalhos teóricos e práticos afirmam o conceito que os autores têm promoção da leitura (PL)¹⁴, mas os estudos práticos não nos informam sobre o dos inquiridos, apesar de a visão destes poder condicionar o objecto e a operacionalização das PPL desenvolvidas nas BP. Estes estudos também não fazem uma abordagem sistematizada dos processos de conceptualização e concretização de práticas de PL¹⁵, nem informam sobre o que são, efectivamente, as PPL desenvolvidas nas bibliotecas portuguesas; o que as diferencia de outras actividades¹⁶; que referenciais orientadores utilizam – apesar de estes aspectos não serem, também, muito esclarecidos nas *guidelines* da IFLA¹⁷.

Concluimos que estamos perante *escassez de informação* sobre promoção da leitura nas BP e que a literatura disponível não permite caracterizar e conhecer a realidade do que são e como se processam as PPL nas BP portuguesas.

Traçámos como objectivo geral da investigação saber o que são e como se processam as práticas de promoção da leitura nas bibliotecas públicas municipais (BP) da AML e, como *objectivos específicos*:

- Conhecer o entendimento existente na amostra sobre promoção da leitura;
- Saber o conteúdo que nestas BP conferem ao conceito e valores que dão significado aos seus eventuais fundamentos teóricos e operativos;
- Identificar, caracterizar e descrever as PPL disponibilizadas para aferir que literacias são desenvolvidas; saber o que as inspira;

- Conhecer como são conceptualizadas, operacionalizadas, enquadradas e sinalizar os modelos que enformam as PPL;
- Saber que métodos são usados; conhecer como é enquadrada a mediação de PPL;
- Compreender como é feita a abordagem e desenvolvidas as estratégias de envolvimento dos participantes;
- Saber como são avaliadas as PPL; identificar o que as BP consideram oponentes e/ou adjuvantes às PPL; aferir a relação existente entre promoção da leitura e as práticas desenvolvidas;
- Detectar níveis de convergência/divergência entre conceitos, discursos e práticas dominantes e prospectar visões de futuro destas bibliotecas para a qualificação e desenvolvimento de PPL.

Consideramos estas questões pertinentes pela acrescida necessidade de promoção de competências de leitura e de literacias¹⁸ e por, como referimos, os estudos pontuais ou extensivos disponíveis não permitirem caracterizar esta realidade e serem insuficientes para um conhecimento consistente do que são as PPL promovidas nas bibliotecas, lacuna de conhecimento que projecta, também, opacidade sobre a actividade das bibliotecas num domínio onde o seu papel é relevante.

Começámos por indagar a visão e significados conferidos nas bibliotecas da AML a *práticas de promoção da leitura*, aspecto que aqui desejamos partilhar.

O método da investigação

Perante o *marco teórico* existente a nossa investigação não se pode propriamente confrontar com estudos congéneres anteriormente realizados. Optámos por não dar continuidade ao quadro teórico e metodológico existente e decidimo-nos por uma abordagem e metodologia diversa da que tem enquadrado estudos extensivos sobre a leitura nas BP¹⁹. Podendo a metodologia utilizada não de conhecimento corrente num fórum profissional, detalharemos um pouco o uso que lhe demos. Para concretizar a hipótese de investigação recorremos a um *método de pesquisa misto*²⁰, ainda que privilegiando a *metodologia qualitativa*, adequada para responder ao que indagamos²¹. A recolha dos dados²² fez-se num inquérito *por entrevista semidirectiva*²³. Esta assegura focalização e direcção para os nossos objectivos e permite maior participação, compreensão e captação da perspectiva dos entrevistados e projecção de informação qualitativa.

Modelámos as questões da investigação num *guião*²⁴ que englobou as *dimensões e indicadores* da investigação²⁵ e produzimos, também, um *inquérito complementar* para posterior recolha de informação quantitativa visando a mútua aferição dos seus resultados, ferramenta cujo uso posiciona a investigação num *método misto*²⁶. Seleccionada a amostra e garantida a participação, iniciou-se a pesquisa exploratória de campo para recolha dos dados e levantamento de informação baseada em entrevista semidirectiva²⁷. Foram ouvidos os bibliotecários responsáveis pelas bibliotecas e/ou técnicos que coordenam as PPL. Para cruzar e aprofundar informação, solicitámos acesso posterior a documentação e materiais, evidências a submeter a análise tipológica e de caracterização.

Concluída esta fase, iniciou-se a transcrição²⁸ das gravações e a leitura do material. A leitura foi acompanhada por comentários onde se formulavam possibilidades de análise, de cruzamento com indicadores e hipotéticas interpretações. Organizaram-se os dados das respostas fechadas e semifechadas recolhidos na ficha de registo de cada biblioteca²⁹ e criaram-se *checklist*, quadros e gráficos para obter informação para análise, seguindo-se a análise das perguntas abertas³⁰ aplicando a técnica vulgarmente designada por *análise de conteúdo*.

Análise de conteúdo, a técnica aplicada ao conceito de promoção da leitura

De acordo com Bardin (2008), a técnica de *análise de conteúdo* (AC) pode ser aplicada em investigação quantitativa (assinalando a frequência de certas características) e investigação qualitativa (revelando a presença ou a ausência de determinadas características no discurso) e sobre mensagens variadas. Procura-se identificar termos ou formas utilizadas na comunicação, sua frequência, disposição na construção e desenvolvimento do discurso com enfoque no emissor e nas condições sociais de produção do discurso (verbal ou outro)³¹. Submetemos a análise de conteúdo³² (AC) as questões abertas da investigação³³. A AC não deixa de conferir particular perfil ao desenho e resultados da investigação ao evidenciar regularidades e características agrupadas por categorias³⁴ classificáveis dos fenómenos. Este processo desenvolve-se em três fases: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados para análise a fim de inferir e interpretar os resultados de forma mais rigorosa e menos ambígua. Cremos que a AC aportará significado ao enquadramento, tratamento e interpretação da informação recolhida e contribuirá para o conhecimento da visão e significados da promoção da leitura nas bibliotecas da AML.

Depois de transcritas, as entrevistas foram segmentadas em *unidades de análise* (UA), decompostas em *unidades significativas* patentes no discurso dos entrevistados e classificadas em *categorias* e *subcategorias*³⁵. As imagens seguintes ilustram os conteúdos seleccionados e o processo de preparação da informação transcrita no recorte de uma *unidade de análise*³⁶ e codificação em *unidades de registo* (UR). (1a fase, Quadro 2). Destacou-se, depois, as *unidades de significação* (US) que os entrevistados conferiram a *promoção da leitura* e elaboraram-se os grupos de representação de *categorias* e *subcategorias* (2ª fase, Quadro 3)³⁷.

UNIDADE de ANÁLISE 1 - O que é uma PPL CODIFICAÇÃO de unidades de registo presentes nas unidades de contexto recortadas (unitarizadas)	NOTAS
<p>A 1: Uma PPL tem a ver com aquilo que se faz, independentemente dos meios / não é, porque / há várias formas de levar à leitura / Nos na nossa divisão temos vários projectos de continuidade / e / quando os idealizamos e quando os realizamos, é sempre (com) um objectivo de levar à leitura. / Penso que a promoção é isso.</p> <p>1.1 Uma PPL tem a ver com aquilo que se faz, independentemente dos meios. [significado subjectivo: concretização];</p> <p>1.1.1 as que são idealizadas e realizadas: com o objectivo de levar à leitura. Penso que a promoção é isso [finalidades visadas: levar à leitura]</p> <p>1.1.2 Penso que a promoção é isso. [significado subjectivo: conceito pessoal];</p> <p>1.2 há várias formas de levar à leitura; [características inerentes: diversidade de processos]</p> <p>1.3 projectos de continuidade [características inerentes: continuidade]</p>	<p>Desordenar para ordenar, processo inverso ao da escola e bibliotecas, o de "ordenar para desordenar". Rever MILANESI, Luiz (1989). <i>Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas</i>. São Paulo: Brasiliense].</p> <p>Focalização nos processos</p> <p>Promoção da leitura como...</p> <p>Projecto de desejo potencial</p>
<p>B 2: É uma prática que leva a hábitos continuados de uso de biblioteca e dos livros. / Não quer dizer que a nossa prática seja sempre a mais correcta, mas fazemos por isso / e o que eu sempre tento que aconteça, / foi que as nossas práticas levassem que os nossos leitores vissem a biblioteca, procurassem a informação e procurassem a leitura.</p> <p>2.1 prática que leva a hábitos continuados de uso de biblioteca e dos livros [significado normativo: ampliar hábitos de usar a biblioteca e os livros]</p> <p>2.2 Não quer dizer que a nossa prática seja sempre a mais correcta, mas fazemos por isso [reflexões aduzidas: sentido de relatividade e incerteza]</p> <p>2.2.1 o que eu sempre tento que aconteça [reflexões aduzidas: convicção]</p> <p>2.3 que as práticas levassem os leitores a irem à biblioteca [finalidades visadas: levar à biblioteca]</p> <p>2.3.1 que as práticas levassem os leitores a procurar informação [finalidades visadas: levar à procura de informação]</p> <p>2.3.2 que as práticas levassem os leitores a procurar a leitura [finalidades visadas: levar à procura da leitura]</p>	<p>Prática de promoção da leitura/ promoção do livro e da biblioteca</p> <p>Promoção da leitura como...</p> <p>Focalização nas finalidades visadas</p> <p>Significado normativo, no sentido de se associar a enunciados de documentos orientadores referenciais e no discurso social e profissional construído a partir deles</p> <p>Expressão de capacidade de questionamento crítico</p>
<p>C3: Ao nível da nossa biblioteca, a promoção de leitura é vista, sobre dois pontos de vista, se é que assim pudemos dizer. Por um lado / o nosso objectivo é atrair público para a leitura/, para o livro, /para as selecções/. Ir buscar obras e autores e trabalhar sobre eles / não confundindo isto com a animação, /porque animação é tudo aquilo que nós fazemos, nomeadamente, desde as exposições, horas do conto, mas é muito mais do que isso. / Eu depois posso concretizar um projecto que nós temos ao nível da primeira infância, que é tentar atrair determinados públicos que influenciam as gerações, nomeadamente, os mais pequenos, /para a abordagem de temas a partir de livros/ e estou-te a falar de um projecto específico.</p> <p>3.1 o objectivo é atrair público para a leitura [finalidades visadas: atrair para a leitura]</p> <p>3.1.1 o objectivo é atrair público para o livro [finalidades visadas: atrair para o livro]</p> <p>3.1.2 o objectivo é atrair público para as selecções [finalidades visadas: atrair para as selecções de leitura propostas]</p> <p>3.2 exemplo: um projecto ao nível da primeira infância que tenta atrair determinados públicos que influenciam as gerações [critérios enquadramentos: transmissão de património cultural; atratividade]</p> <p>3.3 Ir buscar obras e autores e trabalhar sobre eles [características inerentes: centração no livro impresso]</p> <p>3.3.1 abordagem de temas a partir de livros [características inerentes: abordagem temática]</p> <p>3.4 distinguir estas actividades das de animação [reflexões aduzidas: diferenciação entre PPL/animação]</p> <p>3.4.1 animação é tudo aquilo que fazem, nomeadamente, exposições, horas do conto, mas PL é mais do que animação. [reflexões aduzidas: diferenciação entre PPL/animação]</p>	<p>Focalização nas finalidades visadas e nos processos</p> <p>Promoção da leitura/promoção do livro</p> <p>Caso em que o entrevistado classifica exposições e Hora do Conto na categoria animação</p>

Quadro 2: Primeira fase da preparação da informação para análise.

Unidade de análise 1: o que é uma PPL					
Categorias de análise	Subcategorias	Unidades de significação	Unidades no contexto do corpus	Indicadores enunciados ou aduzidos	Freq. de UC
Significado normativo	Enunciados de base referencial	/É uma prática que leva a hábitos continuados de uso de biblioteca e dos livros./	2.1	Hábitos continuados de uso. PL c/o base para literacia da inf. PL baseada em projectos p/ incentivar a leitura. Relação causa/efeito entre ler/gosto pela leitura.	4
		/PL como base para a literacia da informação/ / uma prática, acção ou actividade baseada nalgum projecto tenha como objectivo incentivar a leitura/ /é através do acto de ler que passo ao gosto por isso/	9.3 13.1 18.3		
Subtotal					4
Significado subjectivo	Intencionalidade	/Uma PPL tem a ver com aquilo que se faz independentemente dos meios./ (ver N) /Tudo o que tem a ver com o livro e com a leitura./	1.1 14.1	Promoção da leitura com atributos iminentes.	2
	Conceito pessoal	/Penso que a promoção é isso (levar à leitura)./ /Digamos o que eu entendo por práticas a actividade que se faz de forma lúdica/ / (...) no nosso entendimento, é mesmo isso, promover esse acto, de ler, ir à procura (a partir do texto literário)./ /A promoção da leitura, entendemos que são todas actividades./ /Nesta biblioteca, uma prática de promoção de leitura é uma acção, um projecto, (qualquer coisa que vise levar as pessoas a lerem mais)./ /Promoção da leitura é nós desenvolvermos uma actividade em que essa actividade tenha uma longa duração./	11.2 7.1 9.1.3 11.1 15.1 17.1	Convicções/projecções subjectivas. Concepções instrumentais e formais. Gerar atitude de demanda. PL como meta-actividade. Finalidade de ler mais. A durabilidade da actividade	6
Subtotal					8
Características inerentes	Continuidade	/ (...) temos vários projectos de continuidade (...) / /É uma prática continuada, (...) / / (...) (promoção da leitura) não seja algo que se extinga naquela acção que tenha no fundo uma continuidade. /	1.3 8.1 17.1.2 17.1.4	Práticas e proj. c/ continuidade. Continuidade da durabilidade do efeito e da acção.	4
	Regularidade	/ (É uma prática) (...) /regular (...) /	8.1.1	Periodicidade regular.	1
	Actualidade	/que sejam atuais, /portanto... são limitadas no tempo/	8.4	Relação actualidade/ prazo.	1
	Envolvimento dos destinatários	/tentar com eles (adolescentes) / ver o que a biblioteca lhe pode dar /É uma prática (...) que trabalha com público, (...) / /actividades que vão sendo reformuladas com o contributo dos vários públicos./ /trabalho que procura sempre envolver de alguma forma... /	7.3.1 8.1.2 8.4.2 12.2	Interação. Trabalho com o público. Contributo do público. Envolvimento do público.	4

Quadro 3: Segunda fase, categorização.

Tomámos como opção metodológica o *modelo aberto*, não definindo categorias de análise de forma apriorística, antes pautando-as pelo discurso dos entrevistados e enquadrando-o no referencial teórico. Procurou-se, assim, a compreensão do fenómeno das PPL nas bibliotecas públicas da AML de acordo com *a forma como os entrevistados o enunciam*³⁸. A referenciação da informação baseou-se, então, nas denominações dadas por eles e apresentam-se pela ordem em que surgem no *corpus*³⁹. Filtrada, tratada e descrita a informação do texto⁴⁰, feita a distribuição relacional dos segmentos por categorias, subcategorias e indicadores⁴¹, surgiram significações e significados comuns ou diferenciadores sobre PPL.

Resultados preliminares

Das dezoito respostas da amostra à primeira questão aberta (*Em termos conceptuais, o que considera ser uma prática de promoção da leitura?*), destacaram-se nas formações discursivas *unidades de significação* que permitiram definir seis categorias de análise e trinta subcategorias (Quadro 4) que geraram cento e dez indicadores (Quadro 5).

Numa breve caracterização do conteúdo que atribuímos às categorias, diremos que *significado normativo* é o decorrente de referenciais profissionais e conceitos sociais sobre leitura e PL; *significado subjectivo*, perspectivas pessoais plasmadas no discurso dos entrevistados; *características inerentes*, atributos constitutivos próprios e/ou distintivos das PPL; *critérios enquadradores*, padrões utilizados para classificar uma prática como PL; *finalidades visadas*, objectivos a atingir com a PL; *reflexões aduzidas*, expressões de pensamento pessoal reflexivo sobre PL.

Inferências preliminares sobre a visão e significados da promoção da leitura nas Bibliotecas Públicas Municipais da Área Metropolitana de Lisboa

Categoria significado normativo	Categoria significado subjectivo	Categoria características inerentes	Categoria critérios enquadradores	Categoria finalidades visadas	Categoria reflexões aduzidas
Nº subcategorias: 1	Nº subcategorias: 2	Nº subcategorias: 8	Nº subcategorias: 3	Nº subcategorias: 12	Nº subcategorias: 4
4 Enunciados de base referencial	2 Intencionalidade 6 Conceito pessoal	4 Continuidade 1 Regularidade 1 Actualidade 4 Envolvimento dos destinatários 3 Focalização na literatura 10 Abordagens desenvolvidas 5 Público-alvo 6 Tipologia de actividade	17 Estratégicos 11 Conceptuais 4 Formais	5 Ampliar hábitos de leitura 5 Promover a biblioteca 1 Promover procura de informação 10 Promover o livro 6 Promover a leitura 1 Divulgar autores 5 Promover a colecção 1 Integrar o utilizador 2 Attingir a comunidade 3 Dar acesso a recursos 5 Promover competências leitoras 1 Promover capacidades criativas e imaginativas	1 Relativização 2 Envolvimento pessoal 5 Diferenciação PPL/animação 1 Ampliação do foco da PL
Freq. unidades de contexto: 4	Freq. unidades de contexto: 8	Freq. unidades de contexto: 34	Freq. unidades de contexto: 32	Freq. unidades de contexto: 45	Freq. unidades de contexto: 9

Quadro 4: Categorias e subcategorias, antecedidas da sua frequência no contexto do *corpus*.

Indicadores da subcategoria <i>Enunciados de base referencial</i>	Hábitos continuados de uso Promoção da leitura como base para a literacia da informação Promoção da leitura baseada em projectos para incentivar a leitura Relação causa/efeito entre ler/gosto pela leitura.	Indicadores da subcategoria <i>Intencionalidade</i>	Promoção da leitura com verbos iminentes.	Indicadores da subcategoria <i>Critérios conceptuais</i>	Actividades com estrutura Âmbito cronológico, público-alvo, sujeitos e avaliação e monitorização. PL baseada em texto literário Práticas educativas e lúdicas Actividades para o público infantil e adulto Temas escolhidos Trabalhar com histórias originais Conceito abrangente A história parte do livro
Indicadores da subcategoria <i>Intencionalidade</i>	Promoção da leitura com verbos iminentes.	Indicadores da subcategoria <i>Conceito pessoal</i>	Concepções/projeções subjectivas. Concepções instrumentais e formais. Gerar atitude de demanda. PL como meta-actividade. Finalidade de ler mais. A durabilidade da actividade	Indicadores da subcategoria <i>Critérios formais</i>	Formato lúdico Práticas educativas e lúdicas Animação cultural Animação de leitura/programação cultural
Indicadores da subcategoria <i>Característica continuidade</i>	Práticas e projectos com continuidade. Continuidade da durabilidade do efeito e da acção.	Indicadores da subcategoria <i>Característica regularidade</i>	Periodicidade regular.	Indicadores da subcategoria <i>Finalidade ampliar hábitos de leitura</i>	Ler a leitura Estimular a procura da leitura Atrair público para a leitura Aumentar quantitativos de leitura
Indicadores da subcategoria <i>Característica regularidade</i>	Periodicidade regular.	Indicadores da subcategoria <i>Característica actualidade</i>	Relação actualidade/ prazo.	Indicadores da subcategoria <i>Finalidade promover a biblioteca</i>	Ler a frequentar a biblioteca Trazer mais pessoas, crianças e frequentadores à biblioteca. Divulgação nas escolas p/ trazer crianças a frequentar a biblioteca
Indicadores da subcategoria <i>Característica envolvimento dos destinatários</i>	Interação. Trabalho com o público. Contributo do público. Envolvimento do público	Indicadores da subcategoria <i>Característica focalização na literatura</i>	Contração em obras e autores, no texto literário, na história.	Indicadores da subcategoria <i>Finalidade promover a procura de informação</i>	Ler a procura de informação
Indicadores da subcategoria <i>Característica abordagens desenvolvidas</i>	Diversidade de processos. Abordagem temática. Temas actuais no currículo escolar. Visar progressiva melhoria. Relação q/ processos de leitura. Trabalho efectivo sobre o livro. Mediação da leitura. Indução de transformação.	Indicadores da subcategoria <i>Finalidade promover a leitura</i>	Indução de transformação.	Indicadores da subcategoria <i>Finalidade promover a leitura</i>	Ler a leitura Atrair para o livro Promover o livro Divulgar o livro Gosto pela procura do livro Gosto pelo livro Insucesso o livro no quotidiano. Divulgar o livro
Indicadores da subcategoria <i>Característica público-alvo</i>	Actividades geradoras de empatia pela leitura	Indicadores da subcategoria <i>Finalidade promover a colecção</i>	Públicos visados: infantil, escolar, adulto e público em geral	Indicadores da subcategoria <i>Finalidade divulgar autores</i>	Divulgar autores
Indicadores da subcategoria <i>Característica tipologia de actividade</i>	Programação cultural	Indicadores da subcategoria <i>Finalidade promover a colecção</i>	Indução de transformação.	Indicadores da subcategoria <i>Finalidade promover a colecção</i>	Atrair para selecções Promover as colecções Colecções como recurso para promover a leitura Marketing das colecções Marketing do espaço para promover a leitura
Indicadores da subcategoria <i>Critérios estratégicos</i>	Transmissão do património cultural. Promoção da leitura precoce Promoção junto das escolas Envolvimento dos adolescentes Temáticas actuais Enquadramento curricular Propostas do público Textos de não-ficção Destaque e sugestões Bibliografias contextualizadas Exploração de ficção e não-ficção Produção de histórias originais. Abordagem não linear Uso de desconstrução e inferências Envolvimento das famílias Gestão de dinâmicas de reports	Indicadores da subcategoria <i>Finalidade integrar o utilizador</i>	Indução de transformação.	Indicadores da subcategoria <i>Finalidade integrar o utilizador</i>	PL com objectivo de integrar o utilizador
		Indicadores da subcategoria <i>Finalidade dar acesso a recursos</i>	Indução de transformação.	Indicadores da subcategoria <i>Finalidade dar acesso a recursos</i>	PL para chegar à população PL p/ chegar ao grupo à comunidade Facilitar acesso Pôr tudo à disposição Disponibilizar o livro
		Indicadores da subcategoria <i>Finalidade promover competências leitoras</i>	Indução de transformação.	Indicadores da subcategoria <i>Finalidade promover competências leitoras</i>	Desenvolver competências leitoras Saber usar competências leitoras Rensocer instrumentos para uma leitura crítica Aquisição de afectivas competências leitoras
		Indicadores da subcategoria <i>Reflexão sobre relativização</i>	Indução de transformação.	Indicadores da subcategoria <i>Reflexão sobre relativização</i>	Desenvolvimento do vertente fantasia, criatividade e imaginação
		Indicadores da subcategoria <i>Reflexão sobre envolvimento pessoal</i>	Indução de transformação.	Indicadores da subcategoria <i>Reflexão sobre envolvimento pessoal</i>	Permanência
		Indicadores da subcategoria <i>Reflexão sobre diferenciação PPL/animação</i>	Indução de transformação.	Indicadores da subcategoria <i>Reflexão sobre diferenciação PPL/animação</i>	PL e animação como realidades não confundíveis. PL é mais do que animação Enquadramento lúdico das PPL Necessidade de distinguir animação de leitura de PL
		Indicadores da subcategoria <i>Reflexão sobre a ampliação de foco de promoção de leitura</i>	Indução de transformação.	Indicadores da subcategoria <i>Reflexão sobre a ampliação de foco de promoção de leitura</i>	Quadrante de PL com programação informativa, educativa e cultural

Quadro 5: Subcategorias e indicadores. Nas unidades de significação de cada subcategoria detectaram-se cinquenta e oito indicadores.

Na ordenação das *subcategorias* com três maiores frequências (incluindo as ex-equ) de unidades de contexto⁴² (Gráfico 1 ; rever Quadro 4) surgem, por ordem decrescente:

- *Finalidades visadas* (45 UC)⁴³: promover o livro, promover a leitura, ampliar hábitos de

- leitura, promover a biblioteca, promover a colecção, promover competências leitoras⁴⁴;
- *Características inerentes* (34 UC)⁴⁵: abordagens desenvolvidas, tipologia de actividade, público-alvo visado;
- *CrITÉrios enquadradores* (32 UC): de nível estratégico, conceptual, formal.

Refira-se que na subcategoria *reflexões aduzidas*, a quarta que regista maior ocorrência de UC, predomina no pensamento individual reflexivo (5 UC) é a distinção entre uma PPL de uma actividade de animação⁴⁶.

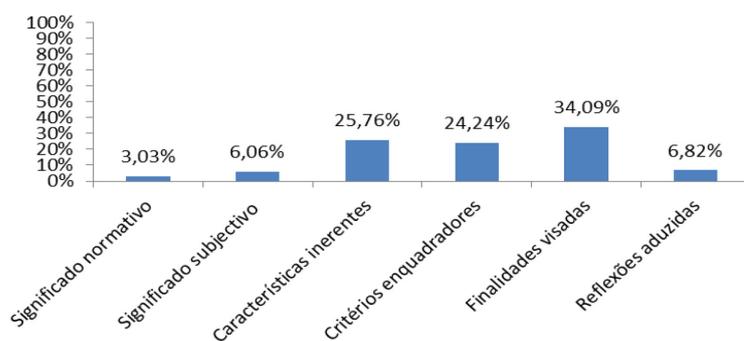


Gráfico 1: Percentagem de subcategorias dentro de cada uma das seis categorias

No gráfico 1, mesmo com elevada dispersão e baixa concentração de valores, destaca-se uma diferença significativa de subcategorias nas categorias dominantes.

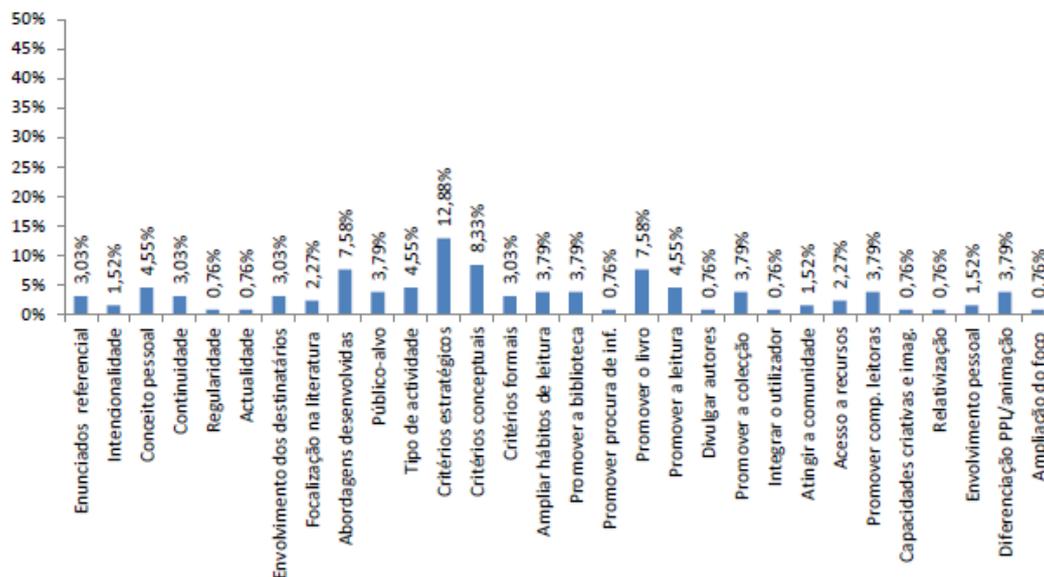


Gráfico 2: Percentagem de ocorrências nas subcategorias.

Nas subcategorias, verifica-se *grande heterogeneidade* no discurso directo dos entrevistados sobre o que entendem ser uma PPL⁴⁷ (Gráfico 2), ainda que algumas se destaquem (veja-se, também, nas palavras dos entrevistados, no Quadro 6).

A- Uma PPL tem a ver com aquilo que se faz, independentemente dos meios, não é, porque há várias formas de levar à leitura. (...) Quando os idealizamos e quando os realizamos, é sempre (com) um objectivo de levar à leitura. Penso que a promoção é isso.
B- É uma prática que leva a hábitos continuados de uso de biblioteca e dos livros, que as nossas práticas levassem que os nossos leitores viessem à biblioteca, procurassem a informação e procurassem a leitura
C- É atrair público para a leitura, para o livro, para as selecções. Ir buscar obras e autores e trabalhar sobre eles, não confundindo isto com a animação.
D- Todas as actividades, que têm como objectivo promover o livro, promover a leitura, integrar o nosso utilizador e chamar atenção de como é importante ler.
E- É desenvolver um trabalho que chegue à população e que esse trabalho permita cada vez mais trazer mais pessoas para a biblioteca, mais utentes e mais frequentadores da própria biblioteca.
F - Actividades de divulgação tem tudo a ver com a divulgação do livro e da leitura. (...) É estimular nas nossas leitores, sejam eles de que grupo etário forem, o gosto pela leitura e pelo livro, pela procura do livro, basicamente é isso.
G- É a actividade que nós fazemos lúdica, (...) facilitamos seja o que for, pomos tudo à disposição da criança. Temos actividades que promovam a leitura, o contacto directo de uma forma lúdica (...) A adolescentes reencaimhar sempre, não só, para a que nós temos, mas tentar com eles... ver a que a biblioteca lhe pode dar...
H- É uma prática continuada, regular que trabalha com público, desde o público em idade escolar e o público em geral. São actividades com estrutura, têm um âmbito cronológico definida, um público-alvo a atingir, procura trabalhar temáticas atuais, questões pertinentes dos currículos escolares, que sejam atuais, portanto... são limitadas no tempo, sujeitas a avaliação, a monitorização, são actividades que vão sendo reformuladas com o contributo das várias públicas.
I- É promover esse acto, de ler, irá procura a partir do texto literário, obviamente que podemos depois trabalhar outros textos, mas o texto literário é a base. (...) A PL como base para uma literacia de informação (...) A questão é promoção da leitura mas há também aqui outra coisa. Promoção e animação da leitura que é outra coisa. Para mim não é a mesma coisa.
J - São práticas que são educativas, com componente educativa e uma componente lúdica, que levem as pessoas a lerem mais, a procurarem os livros e a utilizarem os livros como uma parte também do dia-a-dia mas também como uma parte, uma componente, didáctica e lúdica.
K- Entendemos que são todas actividades, uma PPL envolve pelo menos duas vertentes, uma vertente que está relacionada com a promoção das nossas colecções, no sentido em que essas colecções podem ser um recurso de desenvolvimento da leitura (...) Depois temos um conjunto, temos um programa de promoção de leitura dirigida às escolas e ao público infantil, (...) mais direccionado para o desenvolvimento de competências leitoras, por um lado, saber usar a informação, saber falar sobre as coisas, saber usar bem aquelas competências de interpretação e de comunicação, pronto, como eu já disse; por um lado e por outro lado desenvolver toda a vertente de criatividade, de fantasia, de imaginação. (...) Este programa de promoção de leitura está organizado em duas vertentes, a partir da colecção que é de não ficção e da colecção de ficção.
L- Uma actividade de PL, o objectivo tem sempre a ver com um serviço que eu presto às escolas e ao público em geral que (...) procura sempre envolver de alguma forma... É escolhido um tema no caso da animação infantil, é escolhido um tema e depois (...) é elaborada uma história original e a partir daí faz-se um conjunto de ateliers, uma hora do conto, praticamente a hora do conto.
M - Uma prática de promoção de leitura será uma prática, uma acção, uma actividade, à partida baseada nalgum projecto, que tenha como objectivo incentivar a leitura e divulgar livros e autores, basicamente é isso.
N - Temos um conceito bastante abrangente que é a promoção de leitura, ou seja enquadrámos todas as nossas actividades que por alguma forma se relacionam com o livro, objecto, ou com o processo de leitura é essa a forma como operacionalizamos o conceito. Tudo o que tem a ver com o livro e com a leitura enquadra-se nas nossas práticas.
O - Uma PPL é uma acção, um projecto, qualquer coisa que vise levar as pessoas a lerem mais, mas também dar-lhes ferramentas para sabermos o que estão a ler e também como devem ler.
P- Chamamos-lhe programação cultural, depois temos promoção de leitura. E promoção de leitura chamamos a todas as projectos que tenham por base o livro, em primeiro plano. O livro trabalhado, (...) pode ser o acto de chegar ao livro, mas não partindo do livro, o caminho poder ser inverso. O trabalho de desconstrução e que leve a determinadas contextos que se relacionem com a história e (...) fazemos inferências a determinadas situações
Q- Primeiro é preciso distinguir o que é animação da leitura e promoção da leitura. Promoção da leitura é nós desenvolvermos uma actividade em que essa actividade tenha uma longa duração, tanto que não seja algo que se extinga naquela acção e que no fundo vá despoletar uma série de acções que vem dessa que nós despoletamos, que tenha no fundo uma continuidade. Que tenha resultados práticos.
R - Promover o gosto pela leitura passa por várias vertentes; uma delas será promover o livro e a disponibilização do livro e depois começar pela parte mais da promoção do gosto pela leitura a vários níveis, nomeadamente através de actividades que levem as pessoas a gostarem e aproximem a pessoa do acto de ler, porque é através do acto de ler que passa ao gosto por isso.

Quadro 6: Promoção da leitura, sinopse das palavras dos entrevistados

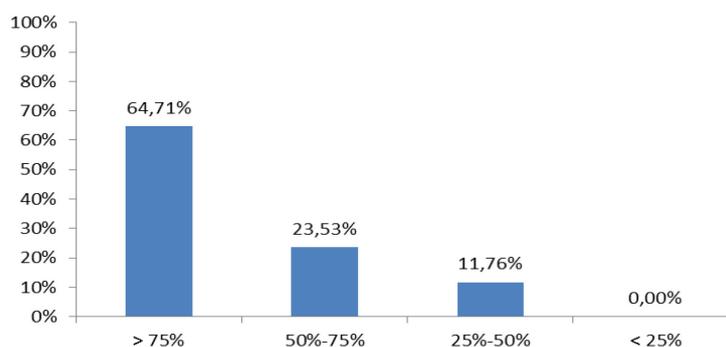


Gráfico 3: Percentagem de práticas de promoção da leitura no total das actividades desenvolvidas.

Um valor muito expressivo, mas que pode evidenciar um certo afunilamento de foco das PPL. Quando o cruzarmos, por exemplo, com a informação das tipologias de leitura mais destacadas nas práticas, indicaram: *leitura auditiva* (39,59%), *leitura individual* (22,33%) e *leitura partilhada* (18,27%)⁴⁹. Apesar destas três leituras poderem ser desenvolvidas sobre diversos suportes e abordagens, os recursos instrumentais dominantes são o livro (54,49%); perícias e conhecimentos técnicos e artes performativas (ambos com 10,11%) e património cultural (4,49%)⁵⁰. Os recursos metodológicos de abordagem privilegiados foram: leitura textual (30,15%); envolvimento activo dos participantes, 23,49%; actividades formativas educativas (10,47%)⁵¹.

Para as 108 práticas que destacaram foi indicada uma média de três objectivos por PPL. Predominam os objectivos: *divulgação da leitura textual impressa* (29,94%), *disponibilização de uma actividade de animação cultural* (14,67%) e *promoção de literacias específicas* (16,46%)⁵². Dessas 108 PPL, os entrevistados consideram que 71 delas (65,74%) promovem *competências de leitura em diversas literacias*, sendo as mais destacadas *literacia emergente* (13,88%), *literacia cultural oral* (8,33%) e *literacia visual* (5,55%), valores que contrastam com os 1,8% da *literacia da informação* ou os 0,9% da *literacia científica* e da *literacia social*.

À questão *Quando a sua Biblioteca se envolve em actividades de animação são desenvolvidas dimensões de promoção activa da leitura, seja literária ou outra?* 66,67% respondeu positivamente. Verifica-se também que 64,06% das práticas ocorrem na biblioteca⁵³. Em termos de complexidade de articulação, predomina a tipologia projectos (90,74%)⁵⁴. Quanto aos destinatários, os grupos-alvo mais visados nas PPL são as *crianças* (33,72%), *bebés* (: 13,95%); *adultos* (4,65%). Refira-se que *jovens adultos* são o grupo menos visado (4,65%)⁵⁵.

Outra informação interessante encontra-se nas respostas ao que os sujeitos consideram *factores potencialmente relevantes* e *factores relevantes em termos de resultados*, os previsíveis *inputs* e os *outputs e outcomes* que as PPL acrescentaram aos participantes (Quadros 7, 8 e nota explicativa 56)⁵⁶.

Inferências preliminares sobre a visão e significados da promoção da leitura nas Bibliotecas Públicas Municipais da Área Metropolitana de Lisboa

Factores potencialmente relevantes nas PPL	Menor relevância	Alguma relevância	Muita relevância	Elevada relevância	TOTAL
A -Ampliação do acesso à leitura		1	3	13	17
B – Promoção do gosto e hábitos de leitura textual impressa e digital		1	6	11	18
C- Ampliação de competências de leitura em literatura de ficção		6	9	1	16
D- Ampliação de competências de leitura textual e não textual em campos específicos do conhecimento	2	2	6	8	18
E- Finalidades lúdicas	3	4	10	1	18
F- Potencial de sociabilização e interactividade grupal		2	9	7	18
G – Possibilidade de envolvimento activo dos destinatários no projecto de PPL	1	1	7	9	18
H- Ser uma oferta nova/alternativa	1	7	7	3	18
L- Promoção da qualificação individual dos destinatários		7	4	7	18

Quadro 7: Factores potencialmente relevantes. (Consideraram-se os que atingiram ocorrências = ou > a 9)

Factores relevantes em termos de resultados nas PPL	Menor relevância	Alguma relevância	Muita relevância	Elevada relevância	TOTAL
A) Promoção de valores pessoais e sociais		1	6	11	18
B) Contribuição para fomentar o gosto pela leitura			6	12	18
C) Contribuição para o sucesso escolar	1	7	6	3	17
D) Ampliação do desenvolvimento da linguagem		4	10	2	16
E) Desenvolvimento do sentido da narrativa		5	9	4	18
F) Promoção de modelos para a escrita	2	8	7	1	18
G) Incrementação de conhecimento (conhecimento técnico, científico, humanidades)		3	7	8	18
H) Contribuição para o domínio de conceitos de leitura textual (independentemente dos suportes)		5	6	7	18
I) Desenvolvimento de competências de literacia da informação (identificar necessidades de informação e saber pesquisar, organizar, usar a informação)		4	4	10	18
J) Contribuição para a formação de leitores mais competentes		2	6	10	18
K) Ampliar competências de comunicação		5	6	7	18
L) Finalidades lúdicas	1	3	9	5	18

Quadro 8: Factores relevantes em termos de resultados

Pela análise de segmentos de texto, emergiu do material significados subjectivos dos entrevistados e estruturas objectivas das significações. Filtrados e comparados, permitem determinar significados comuns em ambos os níveis e conhecer os que são preponderantes e que, submetidos a uma análise hermenêutica, permitem inferir o que a generalidade amostra considera ser uma PPL.

Tópicos para discussão prévia

Submetendo os resultados a análise hermenêutica, inferimos o entendimento da amostra sobre PPL⁵⁷. Verifica-se nas suas palavras diversas concepções, representações sociais e ideológicas sobre

PPL⁵⁸ (Quadro 6), ainda que se destaque maior identificação dos entrevistados com três subcategorias (*finalidades visadas, características inerentes, critérios enquadradores*) (gráfico 1). Se tivermos em conta os atributos que lhes conferem⁵⁹, tal contribui para clarificar a sua visão e factores valorativos que, possivelmente, não só enquadram a sua *praxis*, como serão estruturantes do que consideram ser uma PPL. Se o discurso geral mostra alguma denotação no sentido conceptual, existe maior expressão de conotação associada ao conhecimento de bibliotecários e mediadores, *sujeitos empíricos*, sobre PPL e um menor nível de abstracção sintética. Apesar dos conceitos serem desenvolvidos a partir de um corpo linguístico e conceptual socialmente existente, terem carácter instrumental e função explicativa, prevaleceu o recurso à narração e afirmação de particularidades que caracterizam PPL⁶⁰, verificando-se baixa expressão de *significado normativo* de base referencial teórica-conceptual, sendo que, e comparativamente, duplicam o número de ocorrências nos enunciados de *significado subjectivo*, um fenómeno que merece reflexão⁶¹. Não determinamos, então, particular conceptualização de base teórica⁶³, mas um predomínio do empírico, de pragmatismo, e de alguma projecção ideológica de base cultural sobre vantagens leitura e da sua promoção.⁶⁴

Os discursos da amostra transmitem distintas dimensões (sociais, cognitivas, emocionais) e expressam *várias concepções sobre PPL* (como processo para interiorização de valores, aquisição de conhecimentos, domínio de habilidades de leitura a estímulo do gosto e hábitos de leitura).⁶⁵ E alguma indefinição entre *promoção da leitura, promoção de literacias*⁶⁶, *actividades lúdicas, culturais e de animação*⁶⁵, conceitos com conteúdo distinto, ainda que com elevado nível de correlação⁶⁷. Na subcategoria *intencionalidade*, ocorrem também projecções de convicções, *formações imaginárias* algo próximas de um certo “realismo nominalista”⁶⁸.

É atribuída pela amostra alguma relevância a PL como fomento de hábitos de leitura e ampliação de competências de leitura e literacias. Mas, apesar das *finalidades visadas* terem um valor muito expressivo, pode notar-se certo afunilamento de foco das PPL quando as cruzamos, por exemplo, com a informação sobre as *tipologias de leitura mais destacadas*: a leitura auditiva (39,59%)⁶⁹, leitura individual (22,33%) e leitura partilhada⁷⁰ (18,27%). Ainda que estas leituras possam ser desenvolvidas sobre diversos suportes e abordagens, os *recursos instrumentais dominantes* são o livro (54,49%); perícias e conhecimentos técnicos; artes performativas (ambos com 10,11%) e património cultural (4,49%)⁷¹. Já os *recursos metodológicos privilegiados* são: leitura textual (30,15%); envolvimento activo dos participantes (23,49%); actividades formativas educativas (10,47%). Verifica-se em diversos discursos que muitas actividades são fundamentadas em orientações subsidiárias da tradição de animação sociocultural⁷², ainda que não se possa ter certeza se as bibliotecas da AML procederam a um *aggiornamento* de processos e abordagens consentâneo com novas realidades sociais.

Constata-se na amostra diversidade nos processos utilizados para assegurar que as actividades e projectos desenvolvidos sejam para promoção da leitura. Em termos da consistência interna dos procedimentos, as respostas variam desde métodos que promovem consolidação de competências leitoras e/ou qualificação para literacias específicas, até acções maioritariamente perspectivadas para levar as pessoas a ler mais, a requisitar mais livros⁷³. Alguns entrevistados projectaram a convicção de essa acção estimula o gosto pela leitura e, nalguns, percebe-se que crêem existir nela uma relação de causalidade com o desenvolvimento dos próprios leitores, porventura com base na intuição da possibilidade de transformação de atributos em propriedades. Já outros, sublinhando o seu entendimento de leitura como construção de sentidos, procuram enquadrar nas suas abordagens metodológicas o contexto social, tecnológico, histórico e ideológico onde o leitor está integrado e, também, as suas vivências e leituras anteriores⁷⁴. Estes entrevistados consideram que ler, seja num texto alfabético ou noutra expressão, não é um acto asséptico nem tem interpretação única, e sublinharam as metodologias e processos de abordagem que desenvolvem nas suas PPL⁷⁵.

A preocupação dos entrevistados em mobilizar a *comunidade* como entidade social colectiva⁷⁶ – e não apenas a participação enquanto indivíduos como *sujeitos singulares* – é uma escolha que surge especialmente associada (bem como a promoção da literacia cultural oral e ligação a realidades socioculturais particulares) em bibliotecas da AML localizadas em territórios de transição e de periferia⁷⁷.

A amostra enunciou, em média, três objectivos por cada uma das PPL que destacaram⁷⁸. Os *objectivos predominantes* são: *divulgação da leitura textual impressa* (29,94%), *disponibilização de uma actividade de animação cultural* (14,67%) e *promoção de literacias específicas* (16,46%). Das 108 PPL seleccionadas, os entrevistados consideram que setenta e uma delas (65,74%) promovem *competências de leitura em diversas literacias*, sendo as mais destacadas *literacia emergente*⁷⁹ (13,88%), *literacia cultural oral* (8,33%) e *literacia visual* (5,55%), valores que contrastam com os 1,8% da literacia da informação⁸⁰ ou os 0,9% da literacia científica e literacia social.

A inscrição da promoção da leitura no presente (usos, focalização transdisciplinar da leitura; papel da leitura na cultura da informação, paradigmas educativos, múltiplas literacias) é uma dimensão que não predomina na amostra. Na maioria dos casos em que pontualmente surge é perspectivada tendo por base a temática como *objecto recursivo* e não como assunto para o desenvolvimento de competências específicas de literacia da informação⁸¹ ou enquadramento de processos estruturados para aquisição de competências e ampliação de conhecimentos noutras literacias. Nem em todas as bibliotecas é particularmente evidente que a promoção da cultura validada⁸² e/ou conhecimentos associados a distintas literacias sejam muito destacados⁸³, ainda que visões redutoras da aprendizagem e da cultura possam afigurar-se algo contraditórias numa sociedade do conhecimento e *cultura da informação*⁸⁴, ainda que, cremos, estejam em linha com valores de uma cultura *mainstream*⁸⁵. Pode surpreender o baixo valor do indicador da *leitura digital* (2,53%); a amostra destacou, apenas, 4 práticas de literacia digital e 2 de literacia da informação no total das 108 PPL referidas⁸⁶. Este valor surpreende se o cruzarmos com as dificuldades apontadas por alguns para a captação e fidelização dos jovens, grupo essencial para a renovação social e dos públicos das bibliotecas. Uma rarefacção de oferta que pode contradizer a realidade dos recursos digitais e tecnológicos serem tão do interesse da generalidade dos jovens⁸⁷ e o seu uso competente ser uma necessidade individual e social⁸⁸.

À questão *Quando a sua Biblioteca se envolve em actividades de animação são desenvolvidas dimensões de promoção activa da leitura, seja literária ou outra?* 66,67% da amostra respondeu positivamente. Apesar disso e de *“literacy is best attained through authentic reading, writing, listening, and speaking activities”* (Pike, 1994: X), julgamos que uma mais clara identificação deste envolvimento activo carece de uma investigação específica⁸⁹. Verifica-se também que 64,06% das práticas ocorrem na biblioteca, uma concentração expressiva das PPL no espaço da biblioteca⁹⁰, num tempo onde espaços físicos e virtuais descentrados fazem parte da realidade num mundo em rede.

Apesar de *projectos* ser a tipologia com complexidade de articulação dominante (90,74%), não foi possível aferir se, em todos os casos, a designação atribuída enquadra-se nos critérios de classificação formalmente atribuídos⁹¹. Já em relação aos grupos-alvo⁹², os mais visados nas PPL são as crianças (33,72%), bebés (13,95%); adultos (4,65%). Os jovens adultos são o grupo menos visado (4,65%)⁹³, resultado aparentemente em dissonância⁹³ com dados reportados noutro estudo⁹⁴.

Outra informação com interesse para enquadrar a visão e significados conferidos a PPL pode encontrar-se nos factores que os entrevistados consideram potencialmente relevantes quando ponderam desenvolver as actividades, e naqueles que, depois, eles identificaram como factores relevantes que tenham resultado das PPL – os previsíveis *inputs* e expectáveis *outputs* e *outcomes* que as PPL terão acrescentado aos participantes (Quadros 7, 8). Os que congregaram maior convergência de respostas foram, *ao nível das potencialidades*, a ampliação do acesso à leitura, uma finalidade

marcadamente social, e *ao nível dos resultados*, a contribuição para fomentar o gosto pela leitura, o que pode não ter o resultado mecanicista de ampliar competências leitoras, ainda que estas, também, dificilmente possam ser atingidas se as pessoas não tiverem hábitos de leitura⁹⁵.

Conclusões preliminares

Da análise de conteúdo emerge diversidade semântica e ontológica nas visões e significados manifestos pela amostra sobre o que consideram uma *prática de promoção da leitura (PPL)*⁹⁶. Mesmo admitindo níveis de *décalage* entre os discursos da amostra e a realidade⁹⁷, eles não deixarão de plasmar a visão que os sujeitos têm, ou assumem ter, sobre PPL. Inferimos, então, que essa sua visão possa projectar-se, ainda que não mecanicamente, na realidade conceptual e empírica no desenvolvimento da promoção da leitura nas bibliotecas da AML ou, pelo menos, que ela possa inspirá-los ou funcionar como modelo orientador do que aspirem fazer. Assim, a possibilidade destas narrativas também enquadrarem o que caracteriza o fenómeno das PPL nestas bibliotecas afigura-se plausível. A análise desenvolvida sobre o texto destes discursos é, também, reveladora da presença/ausência e diversa frequência de manifestações semântico-sintáticas de outras enunciações.

Afigura-se que o enquadramento dominante dado a PPL pela amostra pode posicionar-se num *pragmatismo empírico* e entendem PPL como uma *actividade com finalidades, continuidade e enquadramento num projecto que visa o envolvimento do público*. Nas afiliações teóricas e conceptuais verifica-se claro *predomínio de procedimentos operativos*⁹⁸ comparativamente a princípios teóricos e metodológicos. O conceito de PPL é enquadrado por valores sociais e ideológicos sobre a utilidade e mérito da leitura. Ainda que particularmente centrados em objectivos de promoção da colecção e da biblioteca, os inquiridos crêem que as PPL contribuem para estimular hábitos de leitura e que estes geram gosto de ler e acrescentam competências leitoras.

O foco das PPL fixa-se na linguagem textual e na leitura auditiva. As finalidades consideradas mais relevantes são a promoção do livro (a que é dada maior destaque), seguindo-se depois (e com pouca variância de valores), a promoção da leitura, ampliação de hábitos de leitura, promoção da biblioteca, da colecção e promoção de competências leitoras, ainda que nem sempre tenham fornecido informação para podermos classificar o seu preciso âmbito, o mesmo ocorrendo com os *processos de envolvimento activo dos participantes*. Se articularmos as finalidades por proximidade, evidencia-se na amostra a visão de as PPL terem como *maior finalidade a promoção da colecção impressa e da biblioteca*, ainda que no discurso dos sujeitos trespasssem modelos referenciais marcados por visões históricas e sociais que enformam a animação sociocultural.

A maioria das PPL desenvolvem-se nos *modelos de actividades de animação e lúdicas e baseiam-se no livro impresso, sobretudo na leitura literária*. Esta centração no acervo tradicional denota uma valorização do conceito de biblioteca como colecção e da promoção e exploração do livro impresso, o suporte tradicional de leitura das bibliotecas. Parte significativa dos objectivos descritos para as PPL surge associada a um *in-between, que se balanceia entre promoção da leitura textual e a promoção do acervo local e da própria biblioteca*.

Apesar do percurso e mudanças recentes ao nível de práticas do fenómeno cultural e social e usos da leitura, dimensões, *ofertas nas PPL de recursos e suportes digitais ou outros alternativos ao livro não são referidos com muita frequência*⁹⁹. Também não é maioritariamente enquadrado no conceito de PPL fenómenos de promoção articulada de literacia da informação, experiência, disponibilização de ferramentas e práticas que, com propriedade, envolvam no conceito de PPL novas realidades de redes, conteúdos digitais¹⁰⁰, ampliação do leque de literacias¹⁰¹ e a sua aplicação em ateliers convencionais ou nas tendências recentes de *library labs*¹⁰² que, neste momento de retracção

económica, parecem ser uma possibilidade longínqua nas BP portuguesas¹⁰³.

Neste momento, tanto quanto podemos apreender empiricamente, a generalidade das bibliotecas da AML, e porventura a das portuguesas, salvo pontuais *dissidências cismáticas*, não alteraram substancialmente o seu modelo de concepção e oferta de PPL¹⁰⁴, o que pode denotar reflexos do próprio conceito que nelas existe sobre PPL e – se não um divórcio – pelo menos alguma lentidão em acompanhar crítica e pertinentemente necessidades contemporâneas no domínio da leitura e literacias. E, também, de uma realidade de relativização cultural¹⁰⁵ num contexto de predomínio do *mainstream*¹⁰⁶ e restrição de meios. Estes atingem a universalidade das BP em termos de divulgação de conteúdos, disponibilização de novos recursos e públicos a atingir. É um quadro que, se não for alterado, pode não superar o alcance, ainda limitado, dos resultados de PPL (mesmo que estritamente focalizados no incentivo à leitura ou à frequência da biblioteca) e, a prazo, levar a um progressivo processo de desertificação¹⁰⁷ e restringir a pertinência do papel cultural, educativo e social das bibliotecas¹⁰⁸ – o de serem instrumentos para a mobilidade social, qualificação integral das pessoas e acesso a bases de informação cívica para uma intervenção crítica informada na comunidade local e global¹⁰⁹. Mas, no fundo, o caminho das PPL também depende do entendimento que as bibliotecas, as suas comunidades e a sociedade têm promoção da leitura e que PPL, querem umas oferecer e outras usufruir. Cremos que não será relevante agudizar tensões entre realidade social e práticas profissionais interiorizadas. Porventura não existe, nem nas práticas de promoção da leitura, nem nas bibliotecas, nada que decorra da sua missão e visão e que sejam objectivos a abandonar; antes a acrescentar, face à inevitabilidade de um futuro diferente. Este é modelado e enformado pelo presente e, nesse sentido, as escolhas actuais não são inócuas¹¹⁰.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. (1987) – Sobre a indústria cultural. In COHN, Gabriel (org.) *Comunicação e indústria cultural*. S. Paulo: T. A. Queiróz. 287-295 p. [Excerto s. ISBN].
- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION - ALA (1989) – *American Library Association Presidential Committee on Information literacy. Final Report*. [Em linha]. Chicago: ACRL [Consult. 14 Jul. 2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential>>. [S. ISBN].
- ASSOCIAÇÃO PARA A PROMOÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO-APDSI (2011) – *Glossário da Sociedade da Informação, versão 2011*. [Em linha]. [Lisboa]: APDSI. 169 p. [Consult. 14 Jul. 2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.apdsi.pt/uploads/news/id432/glossário%20da%20si%20-%20versão%202011.pdf>>. [S. ISBN].
- AZEVEDO, Fernando; SARDINHA, Maria da Graça (2009) – *Modelos e Práticas em Literacias*. Lisboa: Lidel. 280 p. ISBN 978-972-757-598-5.
- BARDIN, Laurence (2008) – *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70. 281p. ISBN:978-972-44-1506-2.
- BELL, Judith (1997) – *Como Realizar um Projecto de Investigação. Um guia para a pesquisa em Ciências Sociais e da Educação*. Lisboa: Gradiva. 212 p. ISBN 972-662-524-6.
- CHARTIER, Roger (2002) – *A história cultural entre práticas e representações*. [Em linha]. Lisboa: DIFEL. 244 p. [Consult. 14 Jul. 2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.4shared.com/web/preview/pdf/UMLE26iL>>. ISBN 972-29-0584-8.
- CHARTIER, Roger (2012) – Entrevista a Roger Chartier [Secção: Entrevista internacional, conduzida por Justino Magalhães]. *Revista Letras Com Vida: literatura, cultura e arte: Revista do Centro de Literatura e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*. Lisboa: Gradiva. Nº 5 (2012), p.10-15. ISSN 1647-8088.
- COOK-GUMPEREZ, Jenny [et. al.] (2008) – *A construção social da alfabetização*. São Paulo: Artmed. 228 p. ISBN 9788536310534.
- COSTA, José Joaquim Marques da (2011) – Literacia ou Literacias Digitais? Uma Reflexão no Final da Primeira Década do Século XXI *Revista Portuguesa de Pedagogia* [Em linha]. Extra-Série (2011), p.171-180 [Consult.

- 14 Jul. 2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://iduc.uc.pt/index.php/rppedagogia/article/viewFile/1314/762>>. [S. ISSN].
- DEBORD, Guy (1992) – *La Société du Spectacle*. [Obra originalmente publicada em 1967]. Paris: Gallimard. 224 p. ISBN 9782070394432.
- DURAND, Gilbert (1983) – Mito e sociedade. Lisboa: A Regra do Jogo. 63p. [S. ISBN].
- ELIAS, Norbert (1993) – A sociedade dos indivíduos. Lisboa: Publicações D. Quixote. 259p. ISBN 972-20-1087-5.
- FREIRE, Paulo (1989) – *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. [Em linha]. São Paulo: Cortez, p. 1-49 [Consult. 14 Jul. 2015]. Disponível na Internet: <URL: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_a_importancia_do_ato_de_ler.pdf>. [S. ISBN]
- FREITAS, Henrique; JANISSEK-MUNIZ, Raquel; MOSCAROLA, Jean (2005) – Modelo de formulário interativo para análise de dados qualitativos. *Revista de Economia e Administração*. [Em linha]. São Paulo. Vol. 4, Nº 1, p. 27-48. [Consult. 14 Jul. 2015]. Disponível na Internet: <URL: http://www.ufrgs.br/gianti/files/artigos/2005/2005_177_REA.pdf>. [S. ISSN]
- HEGEL, Georg.W.F. (1979) – *Leçons sur la Philosophie de l'Histoire*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrain. 704 p. ISBN 978-2-7116-1889-7.
- HOOPER-GREENHILL, Eilean (1999) – *The Educational Role of the Museum*. London: Rutledge, 346 p. ISBN 0-415-19827-5.
- KANT, Immanuel. (1853) – *Éléments métaphysiques de la doctrine du droit*. [Em linha]. Paris: Auguste Durand. 380 p. [Consult. 14 Jul. 2015]. Disponível na Internet: <URL: https://books.google.pt/books?id=QHMPAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. [S. ISSN].
- KOONTZ, Christie; GUBBIN, Barbara (2010) – *Diretrizes da IFLA Sobre os Serviços da Biblioteca Pública*. [Em linha]. Berlin: De Gruyter Saur. 120p. [Consult. 14 Jul. 2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.ifla.org/files/assets/hq/publications/series/147-pt.pdf>>. ISBN 978-3-11-023226-4.
- LE DEUFF, Olivier. (2009) – *La culture de l'information en reformation*. [Em linha]. Rennes: Université de Rennes 2. 460 p. Tese de doutoramento. [Consult. 14 Jul. 2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://hal.archives-ouvertes.fr/docs/00/42/19/28/PDF/theseLeDeuff.pdf>>. [S. ISBN].
- LIPOVETSKY, Gilles (2012) – *A Sociedade da Decepção*. Lisboa: Edições 70. 112 p. ISBN 978-9724417080.
- LUBRANO Sophie (2012) – E-Book : an impressive yearly growth rate of 30% to reach the 5.4 billion EUR . *Idata Blog*. [Em linha] [Postado a 10 Jan. 2012]. [Consult. 21 Dez. 2014]. [Acesso transitoriamente (?) indisponível na internet em]: <URL: http://www.idate.org/en/News/E-Book_712.html>
- MARTEL, Frédéric (2012). – *Mainstream, enquête sur la guerre globale de la culture et des médias*. Paris: Flammarion. 581 p. ISBN 978-2-0812-4958-5.
- MELMAN, Charles (2002). – *L'homme sans gravité: jouir à tout prix*. Paris: Denoël. 264 p. ISBN 2207254062.
- MISSÃO PARA A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (1997) – *Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal*. [Em linha]. Lisboa: MSI. 119 p. [Consult. 14 Jul. 2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://homepage.ufp.pt/lmbg/formacao/lvfinal.pdf>>. [S. ISBN]
- MORAES, Roque (1999) – Análise de conteúdo. *Revista Educação*. [Em linha]. Porto Alegre, Vol.. 22, Nº. 37, 7-32 p. http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html>. [S. ISBN].
- MORAES, Roque (2003) – Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise discursiva. *Ciência & Educação*, [Em linha]. Vol. 9, Nº. 2, p. 191-211, [Consult. 14 Jul. 2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n2/04.pdf>>. [S. ISBN].
- NEVES, José Soares; LIMA, Maria João; BORGES, Vera (2007) – *Práticas de promoção da leitura nos países da OCDE*. [Em linha] Lisboa: Gabinete de Estudos e Planeamento da Educação. 116 p. [Consult. 14 Jul. 2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.ics.ul.pt/rdonweb-docs/Vera%20Borges%20-%20Publicacoes%202007%20n%C2%BA2.pdf>>. ISBN 978-972-614-423-6

- NEVES, José Soares das; LIMA, Maria João (2009) – *Promoção da leitura nas bibliotecas públicas*. [Em linha]. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais. 195 p. [Consultado em 15 Jul. 2015]. Disponível na www: <URL: http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/livro/promocaoLeitura/acoesPromocaoLeitura/estudosLeituraPNL/Documentos/OAC_PromocaoLeituraBibliotecasPublicas.pdf>. ISBN 978-972-614-467-0.
- NUNES, Manuela Barreto (2008) – *Conclusões e recomendações do III Encontro Oeiras a Ler* [Em linha]. San Francisco: Slideshare. [Consult. 14 Jul. 2015]. Disponível na internet <URL:<http://www.slideshare.net/rbmocmo/manuela-barreto-nunes>>. [S. ISBN].
- NUNES, Manuela Barreto (2007) – *Leitura, literacias e inclusão social: novos e velhos desafios para as bibliotecas públicas. Práticas de dinamização da leitura: colectânea de textos*. LOPES, João Teixeira (org.) [Em linha]. Porto: Setepés. 72 p. [Consult. 14 Jul. 2015]. Disponível na Internet: <URL: [http://www.setepes.pt/Imgs/Colectanea%20de%20Textos%20-%20Praticas%20de%20Dinamizacao%20da%20Leitura\(1\).pdf](http://www.setepes.pt/Imgs/Colectanea%20de%20Textos%20-%20Praticas%20de%20Dinamizacao%20da%20Leitura(1).pdf)> ISBN: 978-972-99312-8-4.
- PIKE, Kathy [et.al.] (1994) – *Connections: an integrated approach to literacy*. New York: Harper Collins College Publishers. 421 p. 1994. ISBN 0-06-041337-9.
- PINEDA, JUAN MANUEL (2015) – *Desertificación bibliotecaria y bibliotecarios : transformaciones y desafíos, algunas reflexiones sobre este trabajador del conocimiento. Infotecarios*. [Em linha] [Postado a 24 Mar. 2015]. [Consult. 14 Jul. 2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.infotecarios.com/desertificacion-bibliotecaria-y-bibliotecarios-transformaciones-y-desafios-algunas-reflexiones-sobre-este-trabajador-del-conocimiento/>>
- PROLE, António (2008) – *Como fazer um projecto de promoção da leitura*. [Em linha]. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 10 p. [Consult. 14 Jul. 2015]. Disponível na Internet: <URL: http://www.cfmfm.info/moodle/pluginfile.php/1377/mod_resource/content/0/Arquivo_geral/Como_fazer_um_Projecto_de_Promocao_da_Leitura.pdf http://www.casadaleitura.org/portalbeta/bo/documentos/manual_instrucoes_projectos_a_C.pdf> [S. ISBN].
- QUIVY, Raymond; VAN CAMPENHOUDT, Luc. (2008) – *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva. 282p. ISBN: 978-972-662-275-8.
- REYNOLDS, Peter (1984) – *Cultural animation. Art and ceremony in sustainable culture. Context*, [Em linha] Nº 5. Langley: Context Institut. 32 p. [Consult. 14 Jul. 2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.context.org/iclib/ic05/reynolds/>> [S. ISBN].
- RICHARDSON, Robert Jarry [et al.] (1999) – *Pesquisa social : métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas. 287 p. ISBN 85-224-0057-1.
- SÁDABA CHALEZQUER, Charo; BRINGUÉ SALA Xavier (2010) – *Niños y adolescentes españoles ante las pantallas: rasgos configuradores de una generación interactiva. Revista Participación Educativa*. Madrid: CEE-Consejo Escolar del Estado. [Em linha], Nº15, 86-104p. [Consult. 14 Jul. 2014]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.mecd.gov.es/revista-cee/pdf/n15-bringue-sala.pdf>> [S. ISBN]
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos, (coord.) (2007) – *A leitura em Portugal*. [Em linha]. Lisboa: Gabinete de Estudos e Planeamento da Educação. 259 p. [Consult. 14 Jul. 2014]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/PNLEstudos/uploads/ficheiros/leitura-portugal.pdf>>. ISBN: 978-972-614-419-9
- SILVA, Ana Rita Santiago da (2004) – *A formação de leitores: da leitura da palavra à leitura do mundo. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*. [Em linha] Vol. 13, Nº. 21, 173-182 p.. Salvador: UNEB. [Consult. 14 Jul. 2015]. Disponível na Internet: <URL:<http://www.uneb.br/revistadafaeeba/files/2011/05/numero21.pdf>>. ISSN 0104-7043.
- SILVA, Vera. Maria da; Vaz, Francisco. (2014 a) – *Promoção da literacia numa cultura da informação para afirmação do património cultural, identidade e cidadania. O Ideário Patrimonial*. [Em linha] Nº2. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar. 102-131 p. [Consult. 14 Jul. 2015]. Disponível na Internet: <URL: HTTP://WWW.CPH.IPT.PT/DOWNLOAD/OIPDOWNLOAD/N2_JULHO_2014/OIP2_JULH14.PDF>. ISSN 2183-1394.
- SILVA, Vera Maria da; Vaz, Francisco. (2014 b) – *What and why a research about reading promotion on public libraries in the Metropolitan Area of Lisbon. Information Literacy: Lifelong Learning and Digital Citizenship in the 21st Century*. [Em linha] Springer International Publishing. 599-611 p. [Consult. 14 Jul. 2015]. Disponível na Internet: <URL: http://link.springer.com/chapter/10.1007%2F978-3-319-14136-7_63>. ISBN 978-3-319-14136-7.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION -UNESCO. (1982) – *Declaração Universal da Diversidade Cultural*. [Em linha]. Cidade do México: UNESCO. [Consult. 14 Jul. 2015]. Disponível na Internet: < URL: <http://www.camponovodoparecis.mt.gov.br/site/diversidade-cultural.php>>.

VARGAS LLOSA, M. – *A civilização do espectáculo*. Lisboa: Quetzal, 2012. 978-9897220593.

WEBER, Robert Philip (1990) – *Basic content analysis*. Newbury Park; London; New Delhi: Sage Publications. 95 p. ISBN: 976-0-8039-3863-3.

Notas

- 1 Investigação orientada pelo Prof. Doutor Francisco Vaz, da Universidade de Évora. Sobre a investigação veja-se em Silva e Vaz (2014b).
- 2 Refiram-se, como exemplos, as investigações de Neves e Lima (2009) e de Santos (2007).
- 3 Entendemos *leitura* como a compreensão básica ou desenvolvida das palavras humanas, de códigos, símbolos, signos e a capacidade de sobre ela projectar compreensão leitora e de fazer dessa compreensão um uso assertivo.
- 4 Considera-se *literacia* a capacidade de interpretar e comunicar eficazmente signos, significantes e significados, capacidade cuja base assenta no domínio de operações de leitura, escrita e numeracia.
- 5 *Animação*, o conjunto de actividades culturais e não só as directamente relacionadas com documentos impressos ou digitais. A animação difere do fomento da leitura, já que este se refere a actividades mais específicas para praticar a leitura e à promoção das competências de leitura (Neves, 2009, p. 34-35), enquanto a animação pode relacionar-se com actividades "*em que a leitura é secundária ou pode mesmo estar ausente*" (Prole, 2008, p.2).
- 6 *Actividades educativas* entendidas como organização e oferta de práticas educativas sustentadas em programas e projectos coerentes. São destinadas à participação activa e interactiva dos participantes, sua informação, enriquecimento cultural e domínio de habilidades para usar recursos culturais, informativos, científicos, criativos e tecnológicas. Devem ser apoiadas por mediadores credenciados; enquadradas por estratégias de abordagem; actividades de exploração e produção; conteúdos atractivos e relevantes, que visam inculcar nos participantes *recordações activas* e operativos. O seu objectivo principal não se centra no evento mas na exploração do potencial da actividade para os participantes.
- 7 *Actividades centradas na cultura, o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças*" (UNESCO, 1982).
- 8 *Actividade lúdica*, acções desobrigadas, relacionadas com o envolvimento em jogos ou no acto de brincar e cuja finalidade é produzir prazer ou divertir o participante.
- 9 *Entretenimento*, acção ou evento com a finalidade de entreter e distrair o público assistente que não desempenha um papel activo na acção.
- 10 A AML é um espaço geográfico de 2.962,4 km², com 2.821.876 habitantes (28% da população portuguesa) heterogeneamente distribuídos por 18 concelhos, um território com características socioculturais diversas (comunidades urbanas e rurais; realidades cosmopolitas, de periferia e mistas).
- 11 Especialmente na B-On, RECAP- Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal, Google Académico; em repositórios das universidades com cursos de ciências da informação e documentação; nas actas dos Congressos BAD que cobriam o período em análise.
- 12 *Pedagogia da leitura*, centra-se no estudo da natureza e finalidades do acto *educativo* em torno da leitura e nos meios para a desenvolver, enquanto a *didáctica* da leitura focaliza-se nos objectivos, conteúdos e metodologias para a prática da leitura.
- 13 Na fase de revisão da literatura, aferimos que sobre os conceitos *leitura*, *literacia*, *alfabetização* ocorrem situações de metonímia e de indiferenciação semântica no uso destes conceitos.
- 14 Veja-se na nota 106.
- 15 *Promoção da leitura o conjunto de actividades culturais levadas a cabo com a finalidade de elevar os níveis de literacia e de fomentar as práticas de leitura de lazer, designadamente de livros e animação da leitura o conjunto de actividades ou acções que visam aproximar a população da biblioteca e promover a sua frequência*. (Neves; Lima, 2009, p. 33). Veja-se também em Azevedo e Sardinha (2009). Porventura esta caracterização pode enformar de restrição ao nível do objecto e espaço de focalização das PPL.
- 16 Considerámos o uso do termo *prática* (realização, fazer existir) por ele se revelar mais abrangente para a cobertura de diversas realidades, desde as que pudessem surgir estruturadas e/ou enquadradas em programas e projectos, a ocorrências singulares sem tal enquadramento, o que poderia ser o caso de outras actividades e acções oferecidas nas bibliotecas. Nas entrevistas, considerámos a diversidade de designações em conformidade com a forma como os inquiridos as referiam como sendo PPL.
- 17 Vejam-se notas 5 a 9. Há autores que, concretamente, entre actividades de animação e de leitura propõem a distinção: *animação distingue-se de promoção da leitura porque esta designará as actividades mais especificamente direccionadas para a dinamização do acervo documental e a leitura do ponto de vista das competências e, ou, das práticas. Porém, importa notar que tal distinção é feita num contexto geral cujo fulcro é a leitura, seja ela de livros, de jornais, de suportes multimédia, etc.* (Neves; Lima, 2009, p. 33).
- 18 Veja-se em Silva e Vaz (2014a), nas pp.109 a 114.
- 19 *Competência*, a combinação de conhecimentos, capacidades e atitudes necessárias para um determinado contexto. *Literacia*, a capacidade de interpretar e comunicar eficazmente signos, significantes e significados, cuja base assenta no domínio de operações de leitura, escrita e numeracia. O conceito de literacia foi-se progressivamente segmentado e singularizando pela necessidade de especialização própria associada ao desenvolvimento de vários domínios científicos, tecnológicos e criativos. Cremos que, genericamente, podemos considerar o

- conceito de literacia como a compreensão e uso de aquisições literárias, códigos e convenções que se constituem como especificidades próprias no campo das distintas literacias, e que, concomitantemente, carece também de capacidades para manipular as ferramentas disponíveis para pesquisa, avaliação, selecção e uso da informação e conhecimento, de forma que os indivíduos adquiriram informação, conhecimentos e desenvolvam as suas potencialidades pessoais e competências para participarem e contribuírem crítica e activamente na sociedade em diversos contextos.
- 20 Estrutturámos a recolha de dados, informação e análise de PPL num esquema actancial para que a realidade da PL se expresse noutra perspectiva epistemológica. Construímos a problemática da investigação de forma a conhecer melhor o quadro da PL, ultrapassar a falta de informação consistente e o mero discurso enunciativo associado à promoção da leitura numa posição de conhecer, não de “julgar”, tendo em consideração a observância das questões de ética que se levantam numa pesquisa. cremos que um procedimento heurístico aporta melhores possibilidades de resposta ao que desconhecemos.
 - 21 Existem investigações, como a nossa, onde este cruzamento pode ser pertinente, ao observar-se uma relação entre *o qualitativo e o contexto da descoberta e (...) o quantitativo e o contexto da prova*. (Lessard-Herbert, 2010, p. 96). A opção mista poderá aportar relatividade face a um engajamento dicotómico e verifica-se, também, alguma interacção entre métodos pois, *mesmo em exactas medidas quantitativas o que é medido continua a ser uma qualidade*. (Richardson, 1985, p.38). Enfatiza-se a metodologia qualitativa, ainda que esta não signifique, necessariamente, contraposição e desprezo por informação quantitativa que se expresse nos dados obtidos que, também, nos darão suporte à análise qualitativa. Faremos, naturalmente, o cruzamento da informação levantada no trabalho de campo com resultados de outros estudos com enfoque em metodologia quantitativa e em referenciais teóricos.
 - 22 *A abordagem adoptada e os métodos de recolha de informação seleccionados dependerão da natureza do estudo e do tipo de informação que se pretende obter*. (Bell, 2010, p.19). cremos que a validade dos instrumentos e fiabilidade dos dados de uma investigação carecem de uma adequada escolha e utilização dos métodos, o que não é a mera selecção de um método que as assegura, mas o uso rigoroso do método(s) mais adequado(s) à investigação. A metodologia qualitativa, ao servir particularmente pesquisas que visem conhecer a especificidade e/ou origens e razão de ser dos fenómenos, não a podíamos dispensar, pois ao operar com dados qualitativos, associados ao processo de recolha e análise da informação coligida, aprofunda-se o conhecimento de campo do fenómeno e libertámo-lo das limitações de enforme quantitativo.
 - 23 *Dados* – representação da informação sob uma forma convencional adequada à comunicação, à interpretação ou ao processamento. *Informação* – dados e factos que foram organizados e comunicados de uma maneira consistente e significativa e da qual se podem extrair conclusões. (cf. APDSI, 2011).
 - 24 Entrevista semidirectiva e semiestruturada, com questões abertas, semifechadas fechadas e de escolha múltipla, apresentadas no guião à amostra por lista, categoria, escala, quantidade e tabelas.
 - 25 O guião, validado em entrevistas exploratórias, foi desenhado agrupando os indicadores por enfoque temático. Comportava perguntas abertas e fechadas (numeradas para poderem identificar-se as respostas e/ou alternativas de resposta); perguntas filtro (que encaminham para outras e sinalizadas com uma seta). Foi efectuada a revisão do guião na sequência das entrevistas exploratórias.
 - 26 Os indicadores seleccionados, a ferramenta que permite obter informações sobre uma dada realidade, foram: conceito de promoção da leitura; práticas destacadas das PPR realizadas; quadros referenciais inspiradores; conceptualização desenvolvida para PPR; métodos utilizados nas PPR; potencialidades visadas pelas PPL oferecidas; publico visado; envolvimento dos participantes; exploração enquadrada por mediadores culturais; produção de contextos enquadradores; actividades e materiais complementares; processos de avaliação; potencialidades concretizadas; factores críticos; factores adjuvantes; caracterização dos entrevistados.
 - 27 *Quando se trata de variáveis qualitativas, a descrição e a agregação dos dados podem assumir a forma de uma tipologia*. (Quivy, 2008, p. 218). Por vezes o que é observável são palavras, e o “mensurável” as opiniões, o conteúdo ou sentido do discurso (medição de intangíveis). cremos, também, que há resultados quantitativos que a partir de determinada dimensão assumem incontornável carácter qualitativo, assim como expressões qualitativas podem expressar-se em dimensões quantitativas. É no rigor na utilização de qualquer um destes métodos que reside a sua relevância operativa e que confere consistência e fiabilidade aos resultados de uma investigação. Tendo em conta o que pretendemos conhecer recolhemos, também, informação quantitativa num inquérito complementar à entrevista. Os seus dados fornecerão elementos suplementares para enquadramento da interpretação e para confrontação de informação e dados obtidos noutros estudos e nas entrevistas. A sua triangulação com a informação qualitativa, análise documental de evidências e de conteúdo das perguntas abertas das entrevistas, permite obter um maior conhecimento sobre as PPL nas bibliotecas da AML.
 - 28 As entrevistas realizadas nesta investigação, pretendiam recolher dados descritivos nas mensagens verbais das fontes (bibliotecários responsáveis e/ou técnicos que, localmente, coordenam as práticas de promoção da leitura). Baseavam-se no guião, construído para, numa abordagem *bottom-up*, saber o que são e como se processam PPL nas BP da AML.
 - 29 As entrevistas tiveram duração média de 2.25h e geraram cerca de 44h de gravações. A transcrição, para permitir a posterior organização, tratamento e análise, levou cerca 216 horas (uma média de 12h por entrevistas). Nas deslocações às bibliotecas despendeu-se cerca de 30h. O processo de obtenção das autorizações, e sequente agradecimento, implicaram uma centena de contactos (entre, cartas, e-mails e telefonemas), que ocuparam cerca de 20h. O trabalho de campo, directa e indirectamente, implicou cerca de 300h. As entrevistas decorreram num ambiente cordial e registaram visível empatia e colaboração dos entrevistados. Pautaram-se pelo uso de linguagem coloquial, grande liberdade de reconsideração e contextualização de respostas. A própria entrevista revelou-se, para os bibliotecários e técnicos, uma oportunidade de reflexão e introspecção sobre o seu trabalho.
 - 30 Dados obtidos nas questões semifechadas fechadas, de escolha múltipla e organizadas em lista, categoria, escala, quantidade e tabelas.
 - 31 Os valores e a linguagem natural do entrevistado e do pesquisador, bem como a linguagem cultural e os seus *significados, exercem uma influência sobre os dados da qual o pesquisador não pode fugir. De certo modo a análise de conteúdo, é uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados. Não é possível uma leitura neutra. Toda leitura se constitui numa interpretação*. (Moraes, 1999).
 - 32 Veja-se também em *Manual de investigação em Ciências Sociais* (Quivy; Van Campenhoudt, 2008, pp. 226-232) e Weber (1990, p.70): *Content analysis procedures create quantitative indicators that assess the degree of attention or concern devoted to cultural units such as themes, categories or issues*. A análise de conteúdo pode ser de tipo qualitativo e quantitativo quando, num caso, se usa para deduzir o sentido atribuído às palavras, textos alfabéticos ou outras linguagens (por exemplo, imagens) e, noutro, para aferir frequências lexicais ou de eventos num discurso verbal ou outro, mas de uma forma aprofundada, pois no caso de considerar apenas o registo de contagens trata-se só de uma análise lexical quantitativa.

- 33 Análise de conteúdo é *um todo de pesquisa que utiliza um conjunto de procedimentos para tornar válidas inferências a partir de um texto. (...) Deve-se poder ir do dado bruto ou puro ao dado elaborado, via interpretação, análise e síntese, e, a partir disso, por uma constatação ou curiosidade, poder rapidamente aprofundar a investigação, eventualmente voltando à fonte e ao dado bruto como recurso mesmo de sustentação de argumento ou simplesmente de ilustração.* (Freitas; Janissek-Muniz; Moscarola, 2005, p. 10 e 7). Bardin detalha que a AC é *um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.* (Bardin, 2008, p.44).
- 34 O caso de: *Em termos conceptuais, o que considera ser uma prática de promoção da leitura (PPL)?*
- 35 *Categorias de análise, ou categorias analíticas, são os elementos de conteúdo agrupados por proximidade sentido que estruturam as diversas categorias. Podem ser construídas à priori, um modelo fechado, ou terem base num modelo aberto em que estas não são previamente construídas mas durante o processo de análise decorrendo da construção feita pelo investigador do significado do discurso. As categorias são rúbricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão das características comuns destes elementos* (Bardin, 2008, p.145).
- 36 Processo de *unitarização* do conteúdo, a partir da transcrição e recorte da entrevista em *unidades de análise* (o segmento da entrevista destacado para análise) e *codificação* das unidades. O material é trabalhado linha por linha para criar unidades significativas, acrescentando-se nesta fase comentários com pertinência para a formulação de hipóteses e posterior elaboração de indicadores.
- 37 Imagem do processo de *categorização*, a transformação das unidades de contexto do *corpus* de análise em *categorias de análise* (grandes classes) e *subcategorias* a partir das *unidades de significação* (segmento de conteúdo seleccionados do discurso dos entrevistados) sobre o conceito PL que emerge na *unidade de análise I* (esta corresponde a todas as respostas dadas à questão sobre o que os entrevistados consideram ser uma PPL) e identificar indicadores. O resultado desta operação permite comparar as unidades significativas do fenómeno e interpretar como ele se expressa na globalidade das unidades significativas.
- 38 (...) *as categorias emergentes são construções teóricas que o pesquisador elabora a partir das informações do corpus. Sua produção é associada aos métodos indutivos e intuitivos.* (Moraes, 2003, p. 198).
- 39 *Corpus*, o material reunido na investigação para a pesquisa, neste caso a totalidade do conteúdo das entrevistas, e que fornece dados e informações para a obtenção de resultados.
- 40 *Texto*, unidade linguística-histórica com estrutura e relação entre os elementos que o constituem. É produto da actividade discursiva, sendo o *discurso* a prática social de produção de textos, uma construção social que pode projectar o *ethos* (o modo de ser ou características dominantes num grupo), e que permite, em conformidade com as práticas socioculturais, a compreensão do conteúdo semântico por interacção leitora de leitores e ouvintes.
- 41 *O indicador é, em princípio, uma manifestação observável e mensurável das componentes do conceito*” (Quivy, 2008, p. 262). A OCDE, considera indicador como um parâmetro, ou valor derivado de parâmetros, que indica, fornece informações ou descreve o estado de um fenómeno área/ambiente, com maior significado que o seu mero valor quantitativo. A European Environment Agency (EEA) define os indicadores como uma medida, geralmente quantitativa, que pode ser usada para ilustrar e comunicar de forma simples um conjunto de fenómenos complexos, suas tendências e progressos ao longo do tempo. Já uma variável é tudo aquilo que pode assumir diferentes valores, sejam quantitativos ou qualitativos
- 42 Todos os indicadores das subcategorias no Quadro 5.
- 43 Finalidades indicadas: actividade que atrai ou leva à leitura de livros ; que promove o gosto pela leitura e pelo livro; que leva as pessoas a ler mais; que promove a biblioteca; que promove o livro e o marketing das colecções; que contribui para o desenvolvimento de competências leitoras; que contribui para o desenvolvimento da criatividade, fantasia e imaginação; que contribuem para o uso quotidiano do livro; que integram o público na biblioteca; que levam o trabalho da biblioteca à população e esta à biblioteca; como serviço prestado à população.
- 44 *É uma acção, um projecto, qualquer coisa que vise levar as pessoas a lerem mais, mas também dar-lhes ferramentas para saberem o que estão a ler e também como devem ler.* (Entrevistado)
- 45 Características indicadas: que disponibiliza o livro; que está relacionada ou baseada no livro ou com o processo de leitura; que fornece ferramentas para se saber ler e como se deve ler; que despoleta dinâmicas continuadas; que disponibiliza recursos da biblioteca; que são desenvolvidas com base no texto literário; que praticamente são a *Hora do Conto*; actividade educativa; actividades educativas e lúdicas; actividades lúdicas; actividades continuadas e regulares; procuram envolver as pessoas; diferenciação entre actividade de promoção da leitura e actividade de animação; promoção da leitura como uma actividade de animação de leitura/programação cultural; abordagem de temas a partir de livros; actividades desenvolvidas sobre temáticas actuais; actividade desenvolvidas com base em enquadramento curricular; actividades que alertam para a importância da leitura; promoção da leitura como “meta actividade”.
- 46 Um dos excertos: *A PL como base para uma literacia da informação (...) A questão é promoção da leitura mas há também aqui outra coisa. Promoção e animação da leitura que é outra coisa. Para mim não é a mesma coisa.* (Entrevistado)
- 47 Nas suas respostas sobre o que consideram uma PPL, afirmaram ser uma actividade que:
- Atrai ou leva à leitura de livros (4 casos; *imanência, efeito de causalidade, relativa passividade*); - promove o gosto pela leitura e pelo livro (3); - disponibiliza o livro (2); - leva as pessoas a ler mais (2 casos, onde é claro o destaque dado à *quantidade* de leitura); - relacionada ou baseada no livro ou com o processo de leitura (2); - fornece ferramentas para se saber ler e como se deve ler (1); - despoleta dinâmicas continuadas (1); - promove a biblioteca (2); - promove o livro e o marketing das colecções (3); - disponibiliza recursos da biblioteca (1); - desenvolve-se com base no texto literário (1); - praticamente é a *Hora do Conto* (1); - é uma actividade educativa e lúdica (1); - é uma actividade lúdica (1); - é uma actividade continuada e regular (2); - contribui para o desenvolvimento de competências leitoras (1); - contribui para o desenvolvimento da criatividade, fantasia, imaginação (1); - contribui para o uso quotidiano do livro (1); - integra o público na biblioteca (1); - leva o trabalho da biblioteca à população e trás esta à biblioteca (1); - é um serviço prestado à população (1); - procura envolver as pessoas (1); - é diferente de uma actividade de animação (2); - é uma actividade de animação de leitura/programação cultural (1); - serve para a abordagem de temas a partir de livros (1); - é desenvolvida sobre temáticas actuais (1); - é desenvolvida com enquadramento curricular (1); - alerta para a importância da leitura (1); é entendida como “meta actividade” (1).
- 48 Em questões semifechadas cuja resposta implicava uma escala qualitativa ou quantitativa, optou-se por oferecer quatro variáveis. Por

Inferências preliminares sobre a visão e significados da promoção da leitura nas Bibliotecas Públicas Municipais da Área Metropolitana de Lisboa

exemplo: *Quase sempre (75 a 100%); Frequentemente (50 a 75%); Algumas vezes (25 a 50%); Poucas vezes (-25%)*. Pretendeu-se assim recolher informação conclusiva, evitando fixações “confortáveis” no parâmetro do eixo, o que pode ocorrer com frequência quando se oferece para escolha um número ímpar de variáveis. Disso pode resultar indefinição na resposta. Com quatro variáveis, ou com qualquer outro número desde que seja par, obtém-se uma clarificação da definição da fronteira entre escolhas ou expressões positivas e negativas. No exemplo dado, uma valorização positiva posiciona-se a partir de *Frequentemente (50 a 75%)*.

- 49 Indicadores: leitura auditiva, leitura partilhada, leitura individual, leitura em voz alta, leitura digital, leitura contextual, leitura visual.
- 50 Indicadores: livro, audiovisual, imagem, som, tecnologias de informação e comunicação (refira-se que as TIC obtiveram 3,37%), património cultural, perícias e conhecimentos técnicos (implica criação/produção), artes performativas, encontros com autores e outros criadores, visitas externas, guiões de leitura, publicações periódicas, manipulação de materiais.
- 51 Indicadores: leitura textual, envolvimento activo dos participantes, produção de conteúdos, concursos e prémios, exposições, conferências encontros, comunidade de leitores, actividade informativa, actividade formativa educativa, actividade lúdica, actividade de animação de leitura (atelier de leitura, contadores de histórias, actividades complementares), proximidade ao livro e ao autor (bienais e leitura ao domicílio)
- 52 Indicadores: divulgação da leitura textual, ampliar competências de leitura, sociabilização em torno de PPL, promoção de literacias específicas, promoção da biblioteca, promoção ao livro, promoção de acessibilidade aos recursos, disponibilizar uma actividade de animação cultural, disponibilizar uma actividade de entretenimento, promover competências de escrita, promover competências de oralidade, promover competências de audição, promover a imaginação).
- 53 Indicadores: biblioteca, jardins-de-infância, escolas, espaços públicos, hospitais, centros de dia/lares, espaços culturais externos (museus, outras bibliotecas e instituições culturais), praias, domicílios.
- 54 Indicadores: programa, projecto, acção.
- 55 Indicadores: bebés, crianças, jovens, jovens adultos, adultos, idosos, público geral, famílias.
- 56 Destacaram-se no quadro, apenas, as respostas que atingem valor positivo, aquelas que surgem com resultado $= > 9$, o que corresponde a 50% da amostra (ver nota 48). Todavia, a confirmação destes resultados, obtidos com base numa percepção empírica, carecem de validação a conferir por eventual investigação específica a desenvolver. Já outros autores alertam para o facto de não serem *muito claras as consequências dos estudos, da diversidade da oferta e das actividades de promoção da leitura, nomeadamente no que diz respeito à efectiva criação de hábitos de leitura, isto é, de leitores com percursos de leitura sustentados e duradouros*; (Nunes, 2008, p.16)
- 57 Claro que no exercício profissional e na reflexão sobre o tema também construímos um conceito pessoal sobre PPL, um entre outros. O que em termos sociais pode importar mais é, ainda que matizado, o que possa ser o conceito dominante nas bibliotecas e o conhecimento dele, mas não só com base em percepções e opiniões mas, também, em evidências e resultados.
- 58 A amostra considera PPL como: a pluralidade de formas de promover a leitura (1 caso); actividades estruturadas em projectos (4); promoção das colecções como recurso de desenvolvimento da leitura (1); um processo de continuidade (1); actividade concebida com envolvimento do público (2), (o que é diferente de a sua captura ser o objectivo da PPL); actividade que visa o trabalho com o público (1); o acto de chegar ao livro, mas não partindo do livro, podendo o caminho ser inverso (1); desconstrução para promover inferências (1); como mediação leitora para acrescentar competências aos pais (1); actividades que levem as pessoas a gostarem e as aproximem do acto de ler: *é através do acto de ler que passa ao gosto por isso* (entrevistado) (1); actividade que leve o público à biblioteca procurar informação e leitura (1); promoção junto das escolas, *para que as crianças começassem a frequentar a biblioteca* (1) programas de promoção da leitura de ficção e de não-ficção (1).
- 59 Veja-se Quadro 4: Categorias e subcategorias, antecedidas da sua frequência no contexto do *corpus*.
- 60 Refira-se também que ao longo das entrevistas, verificou-se uma preocupação de objectivarem o discurso, uma narrativa por vezes auto-referenciada, em enunciados, crenças e evocações empíricas baseadas nas suas bibliotecas. Sem aprofundarmos a análise do discurso, nem porventura a poderemos fazer na investigação com a especialização e rigor desejável, retivemos, por exemplo, que a maioria dos entrevistados desvincula-se de si recorrendo ao uso da primeira ou segunda pessoa do plural (*nós, eles, os leitores*) e que poucos usaram o *eu*, o que pode ter significados ao nível de maior denotação de proximidade/colectivo, do que perspectivas distanciamento/individual. Apesar das funções dos pronomes poderem ser simbolicamente representativas de maior ou menor distanciamento social, diga-se que nunca sentimos que o discurso dos entrevistados fosse usado no sentido de estabelecer fronteiras ou distância.
- 61 E- (...) *também da nossa visão um pouco romanceada do que é que é isto da promoção de leitura, ou de práticas de promoção de leitura, e como é que sabemos chegar isso aos utilizadores, como é que fazemos chegar a leitura e como fazemos chegar o livro; tem um pouco a ver com esta nossa visão.*
V- *Gostaria que o XXX falasse um pouco mais sobre essa questão da “nossa visão romanceada”. O que é que isso envolve?*
E- *eu acho que nós temos um pouco a ideia de que tudo aquilo que nós fazemos nas bibliotecas, porque está exactamente no espaço da biblioteca, é de uma forma ou de outra, práticas de promoção de leitura. E é esse o conceito que nós temos todos enquanto equipa aqui [na biblioteca XXX.] Agora, depois se efectivamente as práticas que nós seleccionamos e implementamos para comprovar esse nosso propósito inicial acontecem, isso depois é que tem muito a ver com esta nossa visão de bibliotecários, do dia de hoje; pois com a nossa ligação à leitura, que também num outro contexto poderíamos aqui questionar, se é a nossa função exactamente mais vocacionada para a leitura, se é mais vocacionada para as questões da informação ou para as questões culturais, para as questões lúdicas... Agora é um conceito bastante abrangente achar que tudo o que se faz nas bibliotecas tem como lógica a promoção de leitura; temos é que lá chegar, temos de fazer aqui uma articulação de argumentos.*
V- *O que está a querer dizer é que o que por vezes sucede é como se a legitimação para ser uma PPL fosse conferida pelo próprio espaço onde uma actividade se integra e não tanto pelas suas componentes? É isso que está a querer dizer?*
E- *Exactamente; é isso.*
- 62 Eventualmente que a opção descritiva, maioritariamente usada para exprimir o que a amostra considera ser uma PPL, possa resultar de insuficiente enquadramento teórico (e prático) sobre o tema (e sobre concepção e gestão de projectos educativos). A promoção da leitura e literacia é insipiente nos conteúdos curriculares da formação de bibliotecários. Também se verifica, e ao contrário do que sucede noutras áreas de trabalho das bibliotecas, ausência de referenciais orientadores para PL e existe situação de isolamento entre os bibliotecários. Refira-se que no total de 170 bibliotecas inquiridas no estudo de Neves e Lima (2009), *Promoção da Leitura nas bibliotecas públicas*, quando indagadas sobre a existência de documento escrito orientador sobre as actividades de PL, apenas 7 (14%) bibliotecas afirmaram ter um *Programa específico (de promoção da leitura)*. Delas, 112 (65,9%) responderam que não tinham; 8 (4,7%) ou não sabiam ou não

- responderam. Confirmámos que as 43 remanescentes (25,29%) apontaram como documento orientador : Agenda; Cartaz; Plano de Actividades, Panfletos, Regulamento Interno e outros documentos não identificados (sete ocorrências). Tal denota (e sem nos termos na imprecisão expressa na equiparação entre um documento orientador e documentos de divulgação e de gestão da biblioteca) o facto de uma expressiva ausência de documentos programáticos para enquadramento teórico e prático de PPL. Nas conclusões do seu estudo, os autores referem, expressamente, a falta de modelos orientadores. Na nossa pesquisa de campo, os entrevistados informaram que têm poucas oportunidades de reflexão profissional sobre as PPL e troca de experiências com colegas, o que também pode ter impacto na reflexão que façam sobre promoção da leitura e, até, nas suas práticas.
- 63 Teremos, previsivelmente, criado um quadro ideológico–e alguns mitos históricos e sociais–sobre a leitura e a sua promoção. Mas, por alguma razão, eles não perderam a vitalidade e existe percepção social da relevância da leitura. Sobre a importância dela, muitas pessoas na sociedade não ultrapassam um nível de expressão de lugar-comum construído sobre a leitura, ainda que hoje a leitura e competências de leitura em diversas literacias seja uma necessidade incontornável e que afecta poderosamente a vida da sociedade e das pessoas
- 64 Num estudo referencial de Soares das Neves e Mª João Lima (2009) sobre a promoção da leitura, afirma-se que esta deve assentar em *práticas inequívocas para elevar níveis de compreensão e reflexão leitora* e contribuir para *ampliar uma educação integral, permanente e participada*, essas práticas *não devem equacionar os participantes de forma passiva* mas como indivíduos activamente envolvidos num processo para *ampliar a sua informação* (de acordo com a APSDI, *informação são dados e factos que foram organizados e comunicados de uma maneira consistente e significativa e da qual se podem extrair conclusões*) e *base de conhecimentos* (também de acordo com a APSDI, *conhecimentos são o conjunto de conceitos e princípios adquiridos por uma pessoa mediante o estudo, a observação ou a experiência e que ela pode integrar nas suas capacidades*). Nesta perspectiva, o objectivo das actividades de PL, e da mediação cultural da leitura, é contribuir para a formação de *leitores competentes* para exercerem reflexão crítica e construírem perspectivas fundamentadas e autónomas.
- 65 Relembramos a definição dada pela Unesco a cultura: “*o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças*”. Considerando este enunciado válido, tenha-se também presente a observação de Hooper-Greenhill (1999): *All interpretation is, in a sense, historically placed. Our position in history, our own culture affects the meaning of things since that meaning is constructed in and thru culture. Perception (that which we see), memory (what we choose to remember) and logical thought (the sense we chose to attribute) differ cultural because they are themselves cultural constructs.*
- 66 A animação nas bibliotecas, segundo Soares das Neves, pode não estar directamente relacionada com documentos impressos ou digitais, nem ser perspectivada para a promoção da leitura, compreensão e competências leitoras, podendo mesmo, de acordo com António Prole, ser uma actividade em que a leitura é secundária ou pode mesmo estar ausente.
- 67 Veja-se um exemplo da elevada correlação entre os conceitos leitura e literacia no próprio texto oficial que determina a criação do PNL: *O Plano Nacional de Leitura é uma iniciativa do XVII Governo Constitucional que pretende constituir uma resposta institucional à preocupação pelos níveis de literacia da população em geral e em particular dos jovens, significativamente inferiores à média europeia. Concretiza-se num conjunto de estratégias destinadas a promover o desenvolvimento de competências nos domínios da leitura e da escrita, bem como o alargamento e aprofundamento dos hábitos de leitura, designadamente entre a população escolar.* (Sublinhados nossos). Contudo, num contexto de mudança e transformação pode ser importante conciliar referenciais práticos e teóricos de promoção da leitura com novas realidades sociais, culturais e tecnológicas, mantendo, todavia, clara noção do seu âmbito e das finalidades que lhes podem ser conferidas.
- 68 O que, também, pode remeter para uma visão de atribuir a objectos e a actos individuais o potencial inerente a predicados universais e uma autonomia desligada do sujeito leitor particular e das próprias características da praxis de promoção de leitura. Tal pode projectar-se no elevado valor da afirmação da amostra sobre a maioria das actividades das bibliotecas serem PPL, uma espécie de *meta actividade*, no sentido de todas as práticas desenvolvidas partilharem características e produzirem efeitos de promoção da leitura (rever transcrição na nota 61), ainda que disso nem sempre os sujeitos tenham feito clara sustentação.
- 69 Apesar da leitura auditiva preceder outras leituras e ter potencialidades próprias, uma elevada centração nela é, também, indutora de limitações: *Formar leitores apenas da palavra atrofia e aliena a pessoa. Mais ainda, afasta-a do mundo, distanciando-a dos possíveis sentidos e diálogos outorgados aos textos do seu quotidiano. Além disso, torna-os incapazes de atribuir significações aos textos escritos e confrontá-los com outros textos.* (Silva, 2004, p.179). Para relativizar Silva, refira-se Durand: *é obrigação do antropólogo que sou sublinhar a importância do facto de a maior parte das literaturas não ser escrita, à parte algumas literaturas das grandes culturas de civilização históricas, a maior parte das literaturas são ainda orais* (Durand 1983, p. 25). Devemos, contudo, acrescentar que a literatura escrita corresponde a uma cultura da escrita. Ela faz parte intrínseca das culturas que triunfaram e se impuseram como culturas dominantes no mundo. A linguagem mítica da literatura oral (uma linguagem literária no sentido em que o que se conta também obedece a uma codificação), e sobretudo a oralidade corrente conservam centralidade no processo comunicacional humano e, mesmo nos espaços dominantes, existem imensas pessoas cujos quotidianos ainda se desenrolam relativamente marginalmente à cultura escrita.
- 70 A diferença que estabelecemos entre *leitura auditiva* e *leitura partilhada*, apesar de a primeira ser exclusivamente uma leitura em voz alta e a segunda o poder ser, é que a *leitura auditiva*, em regra, é feita pelo mediador (ou por quem assume esse papel) e os participantes envolvem-se num processo auditivo de *leitura oral* (que em muitos países foi a prática maioritária até finais do séc. XVIII). Normalmente envolve uma audiência que não sabe ler ou possui fraca competência leitora. Num *leitura partilhada* os participantes repartem com o mediador, ou entre si, o papel de realizar a leitura em voz alta ou desenvolvem esse processo na sequência de uma leitura prévia individual, caso do que ocorre nas comunidades de leitores. A *leitura individual* é uma prática de leitura privada, de envolvimento singular do leitor com a leitura. A leitura em voz alta é semelhante à leitura auditiva; habitualmente ocorre perante audiências que já possuem competências leitoras e procura o envolvimento sensitivo e emocional dos participantes com o texto.
- 71 Indicadores: livro, audiovisual, imagem, som, tecnologias de informação e comunicação (refira-se que as TIC obtiveram 3,37%), património cultural, perícias e conhecimentos técnicos (implica criação/produção), artes performativas, encontros com autores e outros criadores, visitas externas, guíões de leitura, publicações periódicas, manipulação de materiais. Sobre o património cultural, partilhamos uma reflexão de Norbert Elias: *O desaparecimento da tradição cultural própria ao ser absorvida na unidade do nível de integração mais elevado significa, de facto, neste como em outros casos semelhantes, uma espécie de morte colectiva* (Elias, 1993, p.247). Diga-se que na 3ª parte, *Transformações do equilíbrio nós-eu* (de 1987), Elias centrava-se no actual processo de integração da humanidade em estados pós-nacionais e no problema da diluição do nós poder representar um perigo para a regulação comportamental e identidade numa sociedade com tão elevado nível de integração política, económica e cultural à escala global.
- 72 Cultural animation from the French animation socio-culturel, is a term that has gained increasing use internationally to describe

community arts work which literally animates, or "gives life to," the underlying dynamic of a community. The amateur is a community artist who helps people create and celebrate their own culture, drawing freely on the particular aspirations, myths, ethnic or historical heritage that bind them as a community. The amateur is a catalyst and synthesizer, as well as an organizer of work and an imparter of skills. Living and working in the mainstream of community life, the amateur comes to know the community intimately and is accepted as the community's own. Animation work, by definition, involves people in a process of channeling their own creative energy toward a common goal. The process, as much as the product, enriches community life and imparts a sense of common identity. (Reynolds, 1984, p. 32)

73 A metodologia que muitos dos nossos entrevistados usam nas PPL é de base empírica, resulta do que ao longo do tempo foram fazendo e reiterando, sem grandes recursos materiais e formativos que, no período em análise, o que não nos permite concluir cabalmente que alguns dos entrevistados apliquem novas metodologias e ofereçam PPL queousem inovar abordagens e desenvolvimentos. Refira-se que já posteriormente ao período em que se centra a investigação, informaram em algumas bibliotecas que já tinham procurado introduzir inovações, o que poderá ser apreciado por futuras pesquisas.

74 Chartier afirma que a leitura “*é um processo de construção do leitor*” (1990, p.61) e que o texto só tem significado através dos seus leitores, quer sejam, ou não, sobre sentidos previstos pela intenção autora, e que o significado que os leitores lhe atribuem está associado aos seus conhecimentos prévios e experiência de mundo. Veja-se também Cook-Gumperez (2008).

75 Procuram trabalhar com multiplicidade de sentidos, conhecimento das condições de produção do objecto da leitura, descoberta de sentidos explícitos, implícitos e, até, o de conferir-lhe novos sentidos por diversos caminhos.

E- Já agora deixe-me só acrescentar uma questão em relação à promoção de leitura / literacias e foi esta evolução que fomos tendo. É que se começamos a olhar para a promoção de leitura pura e dura em que o livro tinha que estar obrigatoriamente presente, damos ou estamos a dar o salto, e temos vindo a refinar muito esse nosso pensamento, em que estamos a cruzar com literacia emergente, com literacia familiar, com o trabalho da comunicação da língua materna, que achamos que é fundamental e portanto ai, o trabalho com as família e com as crianças o mais cedo possível. Com a comunicação e com as línguas estrangeiras, (...) estou a falar de projectos de continuidade, com frequência, com as famílias. Estou a falar de literacias, como a literacia musical (...) O horizonte da promoção de leitura não se limita, unicamente, à narrativa e portanto ler e como nós entendemos a leitura. Ler não é especificamente a narrativa e o textual. É o contexto, é o som, é a imagem, é tudo aquilo que nos rodeia e é tudo aquilo que nos leva a outros caminhos e são esses outros caminhos que temos vindo a fazer com o nosso público, sendo que o nosso público, muitas das vezes, nem se apercebe que esse é o caminho em que estamos a pensar.

V- Diria, então, que a leitura é uma capacidade, uma competência que se tem para ler mais amplamente o mundo, independentemente da forma como ele se expressa?

E- Sim.

76 Não cremos que esta reiterada ocorrência em bibliotecas da periferia, algumas em espaços com traços rurais, seja resultado de acaso; antes reflexo de uma realidade social e cultural existente e onde a dimensão colectiva ainda conserva algum significado sociológico que, também, se expressa na valorização da identidade cultural patrimonial. Possíveis sinais latentes de antigas unidades sociais pré-estatais de relação de convivência, interajuda e protecção, função que historicamente foi sendo assumida pelo Estado e enquanto o indivíduo se foi afirmando o peso do grupo colectivo diluiu-se. *Quando se analisa a relação entre a identidade do Eu e a identidade do Nós poder-se-á certamente dizer que em todos os países, tanto nos mais evoluídos como nos menos, ambas existem, mas, nos primeiros, a acentuação está de forma mais vincada na identidade do Eu, enquanto nos países menos evoluídos a entoação incide na identidade do Nós pré-estatal (...). Naquela que até agora é a sua última fase de evolução, o processo de formação do estado contribui, em parte, para uma maciça individualização das massas. (...) A identidade do Eu não se torna possível apenas através da memória de si próprio e do seu próprio saber gravados no cérebro; ela tem como pressuposto todo o organismo, do qual o cérebro é uma parte – evidentemente central. Este organismo é o substrato de um processo evolutivo que o homem percorre. É a ele que se refere o homem quando, na comunicação com os outros, diz “Eu”, remetendo para si próprio, ou “Nós”, incluindo-se a si próprio.* (Elias, 1993, p. 200, 209-210).

77 Nestes espaços a promoção da leitura surge, também, associada à noção de transmissão da cultura patrimonial desses contextos sociológicos e culturais:

E1- O que nós pretendíamos mesmo era desenvolver o gosto pela leitura, pelos livros, pelo espaço da biblioteca e que isso fosse enquadrado culturalmente, portanto, não fosse apenas práticas que se relacionassem só com a biblioteca mas que abrangesse, também a parte cultural da comunidade. (...) possa ter realidades e recursos locais extravasar (...) Que possa ter comunidades locais, também. É assim, nós ao escolhermos as pessoas que vivem aqui, nós estamos, somos uma comunidade, cada um dá a sua parte, há esta partilha neste âmbito cultural, neste âmbito da biblioteca, neste âmbito da leitura, (...) Uma estrutura a este nível. Essa foi sempre a nossa maneira de agir, sempre essa, não fazer coisas desenquadradas, mas enquadrá-las todas na ligação à comunidade, na ligação cultural, na ligação da leitura; a pessoa ao mesmo tempo que é leitor, é munícipe e é cidadão. E isso foi muito importante.

V- Porque é que consideram que este método é importante?

E1- Porque ele movimentou toda a comunidade. O XXX além de vir para cá, também conheceu melhor toda esta gente, também conseguiu afinar o seu contributo, o YYY a mesma coisa, ao vir viver para cá. A ZZZ também tem cá casa de férias. Eu acho que é muito importante. Toda esta gente que, no fundo é de fora, acaba por conhecer as pessoas de cá, conhecer o meio e nós também partilhamos isso, também participamos nisso.

78 Foi-lhes solicitado: *Das PPL desenvolvidas em 2013 quais as três que destacaria*, e informassem o que elas visavam e, na questão seguinte, *A que outras anteriores PPL, desenvolvidas até há 4 anos (de 2009 a 2012), daria particular destaque?* e que, igualmente, nos dissessem o que elas visavam. Destas questões resultou um total de 108 PPL destacadas.

79 Literacia emergente ou literacia precoce. *A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.* (Freire, 1989, p.9). Refira-se que as PPL são maioritariamente focalizadas no público infantil, ainda que ocorra um número significativo de casos em que os segmentos visados são o público idoso, bebés (com projectos de literacias emergentes e envolvimento das famílias), algum público geral. Poucas vezes as PPL promovidas visam o público jovem e menos ainda o público jovem adulto ou leitores com necessidades específicas.

80 Um dos casos em que esta foi implicitamente referida: *E- a insistência é mais no pré-escolar e no primeiro ciclo, é dadas essas bases, aprenderem no trabalho feito pelos professores, aprender a ler, o nosso trabalho é reforçar isso, promovendo a leitura do texto literário. Evidentemente que depois a partir daí têm já ferramentas para irem mais além, portanto irem ler mais, já para além do texto literário da literatura, podem desenvolver outra coisa, a capacidade de pesquisar, de procurar informação que estão noutros textos, não exclusivamente no texto literário.*

- 81 O sentido corrente de *information literacy* *literacia da informação*, foi avançada em 1989 pela ALA e considera-o o conjunto de *competências críticas e analíticas que quotidianamente permitem às pessoas reconhecer quando necessitam de uma informação, de a localizar, avaliar, contextualizar e a usar eficazmente*. O conceito surgiu em 1974, associado a uma nova realidade e às necessidades de os indivíduos se movimentarem fluidamente num novo contexto histórico-cultural designado por sociedade da informação que, segundo a Missão para a Sociedade da Informação, é o modo de desenvolvimento social e económico em que a aquisição, armazenamento, processamento, valorização, transmissão, distribuição e disseminação de informação é conducente à criação de conhecimento e à satisfação das necessidades dos cidadãos e das empresas, desempenhando um papel central na actividade económica, criação de riqueza, definição da qualidade de vida e práticas culturais. Corresponde a uma sociedade cujo funcionamento recorre, crescentemente, a redes digitais de informação com impactos no trabalho, na educação, na ciência, na saúde, no lazer, nos transportes, no ambiente e outras dimensões.
- 82 *Cultura validada*, entendida como reconhecimento da autoridade atribuída e conferida a conhecimentos e criações produzidas pela sociedade, ainda que esta validação, e a sua hierarquização, possam resultar de referenciais ideológicos, políticos, culturais e, também, desigualdades económicas e sociais por fenómenos associados a exclusão e reprodução do poder. Refira-se que *validada* não corresponde, necessariamente, a ser tomada como autoridade indiscutível, cristalizada, ou como formalização universal e estática; *validada* pode ser considerada como tendo o papel de modelos referenciais, ainda que discutíveis e sujeitos a reordenação.
- 83 É todavia frequente a associação de promoção da leitura literária a promoção da leitura. Se na primeira questão sobre o que entendiam ser uma PPL a promoção da leitura literária foi pouco referida, ao longo da entrevista constatou-se que ela articula grande número de práticas. Afigura-se que a leitura literária é perspectivada no conceito de PL dos entrevistados como instrumento para o fomento de hábitos e gosto pela leitura, ainda que também possa existir uma delimitação indefinida sobre os textos que são considerados literatura.
- 84 Do inverso pode decorrer que usos (práticos ou “costumeiros”) e convicções avulsas se substituam à *autoritas*, ainda que sem base científica ou sendo mesmo falso conhecimento, como Carlos Fiolhais e David Marçal alertam recorrentemente (veja-se *Pipocas e telemóvel e outras Histórias de Falsa Ciência* (2012) e *Pseudociência* (2014)). Alguma actual crítica infundada à cultura validada pode arriscar ser entendida como retórica ou uma apologia do realismo ingénuo e crença no conhecimento espontâneo.
- 85 *Mainstream* (pensamento ou gosto dominante), de *Frédéric Martel*, estudo onde o autor demonstra, a partir dos resultados de uma ampla investigação transnacional e transcontinental, que a cultura em voga e dominante na actualidade é uma *cultura do entretenimento* (Martel, 2010, p. 11).
- 86 V- *E há outras que não estejam aqui?* [pergunta de confirmação das escolhas destacadas pelos entrevistados a partir da grelha do guião]
E- *Esta, para nós a digital, nós ainda não chegamos bem lá a esse ponto, mas isso é uma deficiência; é importante, mas para nós não é tanto porque ainda não conseguimos chegar lá, mas é importante, claro.*
- 87 *En primer lugar, [as tecnologías de informação e comunicação] son medios para el entretenimiento, lo que constituye un acicate para impulsar su uso entre un público ávido de divertirse, de llenar su tiempo de actividades de ocio. Además, son herramientas especialmente hábiles para la socialización, una de las necesidades básicas de estos menores sobre todo a partir de la adolescencia. Los celulares, Internet, los juegos en red, son vías para mantener y desarrollar el contacto entre los iguales, ese grupo de referencia que es vital en esta etapa de la vida. Por otro lado, la interactividad de estas pantallas presenta, de antemano, un escenario donde los mensajes no son lineales sino que pueden ser contestados, e incluso facilita ser iniciador de los flujos comunicativos: dada su edad, donde lo común es el rechazo de discursos únicos y sin posibilidad de respuesta, es fácil entender porqué se sienten atraídos por estas tecnologías. Y podría añadirse también el carácter personal de muchas de estas pantallas, lo que permite que se conviertan en vías de expresión individual, self-media, algo especialmente relevante cuando se trata de menores que buscan su propia identidad.* (Sábada, 2010, p. 87).
- 88 Ocorrem situações em que o conceito que os entrevistados enunciam para promoção da leitura e no que sobre ela discorrem a associam a actividades desenvolvidas na perspectiva de o seu objectivo enquadrar problemáticas relativas ao acesso social ao livro e acesso a actividades de promoção da leitura. Em alguns destes casos, apesar da centralidade ocupada pela literacia cultural e da informação na sociedade do conhecimento, verifica-se alguma reduzida perspectiva de associar PL a processos focalizados em conferir competências práticas de leitura e à exploração e uso concreto destas competências. Existe na amostra uma clara expressão da promoção da leitura e do trabalho das bibliotecas ser um compromisso com dimensões de garantias de base de equidade social.
- 89 Para além do referido envolvimento activo dos participantes e oferta de actividades que se podem enquadrar no âmbito formativo e educativo, que visam enquadrar o público para lhe acrescentar competências de manipulação, informação e conhecimentos, outras estratégias poderiam ter sido referidas para estimular envolvimento activo. Casos do desenvolvimento estruturado da exploração, aferição de expectativas, mobilização de conhecimentos prévios, inferências, negociação de significados, envolvimento intelectual, físico e de inteligência emocional (uma articulação que visa *minds-on, hands-on e hearts-on*), produção de conteúdos e reflexão sobre a prática realizada, ou outras promotoras do desencadear do processo de construção de conhecimento. Muitas destas e outras estratégias não foram mencionadas nas respostas, ainda que, pontualmente e ao longo da entrevista, se tenha detectado a possibilidade de alguns participantes terem recorrido a elas em algumas práticas, razão pelo que afirmamos ser necessário investigar mais aprofundadamente esta dimensão de envolvimento activo dos participantes.
- 90 Indicadores: biblioteca, jardins-de-infância, escolas, espaços públicos, hospitais, centros de dia/lares, espaços culturais externos (museus, outras bibliotecas e instituições culturais), praias, domicílios. Tal apesar de o estudo *A leitura em Portugal* (Santos, coord. 2007, p.157) nos informar que 78,4% dos inquiridos afirmarem que nunca vão à biblioteca, valor que só é superado pelos que nunca vão a concertos de música erudita/clássica (81,9%). Apesar desta “interiorização” das actividades dentro das paredes das bibliotecas, constatámos em duas delas casos invulgares sobre a decisão e condução das PPL pelos participantes, e um outro acrescido de uma apropriação do espaço pelos utilizadores. Um excerto:
E- (...) *neste espaço e sentem-se à vontade; aqui na biblioteca de XXXXX, têm um acompanhante, se calhar não tão próximo como gostaria, mas a prova da fusão com a biblioteca é a maneira como usam os espaços.*
V- *O XXX pensa, então, que na promoção da leitura importa promover e garantir o acesso à leitura. Mas aqui, e concomitantemente, para isso também estão a disponibilizar e a permitir que as pessoas se apropriem do espaço, o que é facilitador desta actividade. Estou a perceber bem?*
E- *Está a perceber perfeitamente.*
- 91 Indicadores: programa, projecto, acção. Consideram-se *planos*, construções amplas sobre políticas a empreender, escorados nos princípios ideológicos e finalidades que as justificam. Um plano fundamenta e exprime o conjunto de ideias, finalidades, orientação e administração que o enquadra e apresenta os *programas*, projectos e *acções* em que ele se desdobra. Estes devem ser delineados e desenvolvidos em coerência e de acordo com as premissas do plano. Os *programas*, articulados num plano ou autónomos, diagnosticam uma situação a ser intervencionada e apresentam os *projectos* e *acções*, relacionados entre si, coordenados de maneira articulada e focalizados para atingir o

Inferências preliminares sobre a visão e significados da promoção da leitura nas Bibliotecas Públicas Municipais da Área Metropolitana de Lisboa

objectivo da intervenção. Um *projecto* apresenta o objecto de concretização que visa realizar, seus objectivos, metodologias, acções, recursos a aplicar, processos de operacionalização e avaliação.

- 92 Verifica-se que 27,77% da amostra, cinco das dezoito bibliotecas, quando enunciam o que entendem ser promoção da leitura não fazem qualquer menção, directa ou lateral, a públicos. Nas treze entrevistas onde essa referência ocorre, varia do mínimo de uma menção em quatro casos, até um máximo de seis menções em dois casos. Mesmo quando estes entrevistados se reportam à mesma categoria, expressam-se através de diferentes expressões (públicos, frequentadores, utilizadores, utentes, leitores). O seu uso como sinonímia é evidente, não tendo sido possível aferir se, nos casos das subcategorias que emergem da categoria *público geral*, os entrevistados fazem, ou não, uma diferenciação conceptual entre, por exemplo, público utilizador e público frequentador. Destaca-se também ser a subcategoria público/públicos a mais utilizada (5 menções, e se lhe adicionarmos o resultado da *público geral, ascenderia a um total de oito menções*), sendo que a subcategoria leitores é das menos utilizadas; é uma das três que, apenas, é referida uma vez. Este reduzido uso do termo *leitor* pode merecer alguma reflexão sociológica e cultural. Pode ser indiciador de transformações que se operam no espaço das bibliotecas e/ou de *colonização* por expressões que se tornaram correntes no discurso social (por exemplo, “*utentes*” no domínio da saúde fez cair o uso dos termos “*doentes*” e “*pacientes*”). Seja por uma ou outra forma, por razão de ambas ou uma outra que se venha a determinar, facto é que na percepção e expressão dos bibliotecários da nossa amostra sobre essa realidade, *leitor* é um termo pouco utilizado para referir os destinatários das práticas de promoção da leitura das suas bibliotecas.
- 93 Indicadores: bebés, crianças, jovens, jovens adultos, adultos, idosos, público geral, famílias. *Os inquéritos sociológicos continuam a demonstrar uma diminuição dos hábitos de leitura a partir da adolescência (...) No entanto, os mesmos estudos também demonstram que os adolescentes lêem e, além disso, são os maiores utilizadores de bibliotecas (...) As políticas de promoção da leitura, a diversificação da oferta de equipamentos, a multiplicação do mercado editorial, a variedade de iniciativas de animação, a intensa actividade das bibliotecas públicas, não resultaram numa valorização social da leitura entre os públicos jovens, nomeadamente entre aqueles que mais necessitam de adquirir hábitos de leitura.* (Nunes, 2008, p. 19-20, 30). Os jovens são um grupo diferenciado por interesses heterogéneos, nem sempre convergentes, e enquadrados por culturas juvenis diversas. Se existissem localmente estudos (de mercado, de análise da comunidade e outros) que nos permitissem conhecer melhor os públicos reais e potenciais das bibliotecas, talvez concluíssemos que os públicos de outros escalões etários também não serão grupos tão homogéneos e unívocos em termos da relação das suas necessidades, enquadramentos e culturas, contrariamente ao que se possa supor num discurso simplificador que opõe dificuldade/facilidade no envolvimento de jovens versus crianças-adultos-idosos na política de promoção da leitura das bibliotecas. Desse desconhecimento poderá, eventualmente, resultar a limitada segmentação que se faz dos interesses e necessidades de públicos-alvo específicos. Nas PPL das bibliotecas da AML os grandes escalões etários são o critério dominante.
- 94 Os públicos que predominam no uso das bibliotecas são os mais jovens (15-24 anos, 27,5%), mais escolarizados (com o grau do ensino secundário, 15% e grau médio ou superior 30,9%) e na situação de estudantes (38,5%), enquanto que os que menos a frequentam são mais idosos (com mais de 55 anos, 94,9%), menos escolarizados (93,6% têm habilitações académicas até 6º ano do ensino básico) e em situação activa perante o mercado de trabalho (88,4%) e inactivos não estudantes (91,6%) (Cf. Santos, coord. 2007, p.118). Mas sublinhamos que ao referimos estas manifestações como aparente dissonância, não visamos questionar a articulação dos resultados deste estudo com os baixos indicadores da nossa pesquisa em PPL para os jovens e sobretudo jovens adultos (18 aos 24 anos). Ambos podem corresponder à realidade: os jovens serão os que mais frequentam as bibliotecas, contudo, podem não ser particularmente visados como destinatários das PPL e tidos como “um público difícil”. Tal não deixa de representar um desafio para bibliotecas que empreendam alterar as suas ofertas e direccioná-las para audiências marcadas pela heterogeneidade de processos individuais e colectivos, níveis educativos e pluralidade de experiências em presença, perspectivas, valores e interesses pessoais sobre a leitura. Bem como no papel da biblioteca na mediação cognitiva, afectiva e interventiva com o mundo, ainda que tal complexidade possa não ser exclusiva para abordagens a públicos jovens, a não ser que as bibliotecas não perspectivem mesmo outras segmentação de públicos para além do critério etário, o que não deixa de ser uma abstracção de incerta concordância perante a realidade de distintos interesses das pessoas que pertençam ao mesmo escalão etário.
- 95 Possíveis futuras pesquisas focalizadas nas potencialidades perspectivadas e resultados atingidos pelas PPL podem, porventura, ser também de interesse para uma visão sobre o papel social, cultural e educativo das bibliotecas públicas e para – com um desejável contributo e avaliação dos destinatários–enquadrar decisões sobre os conteúdos dos programas educativos das próprias bibliotecas. Diga-se que a pesquisa em curso fixou-se, também, na avaliação das PPL nas BP da AML, indagando se ela era feita; como era realizada; a que métodos recorriam; quem fornecia informação para as avaliações; que leituras faziam das avaliações os responsáveis pelas bibliotecas. Tal trata-se de uma dimensão que não teremos oportunidade de abordar nesta comunicação.
- 96 Esta heterogeneidade não deve surpreender. Os próprios investigadores vão fazendo progressivas aproximações à conceptualização do que é uma PPL. Por exemplo, mesmo em dois estudos coordenados pelo mesmo autor, *ocorre* quer sobreposição, quer factores diferenciadores: *Considera-se promoção da leitura o conjunto de actividades culturais levadas a cabo com a finalidade de elevar os níveis de literacia e de fomentar as práticas de leitura de lazer, designadamente de livros e animação da leitura o conjunto de actividades ou acções que visam aproximar a população da biblioteca e promover a sua frequência.*(Neves; Lima, 2009, p. 33). Esta definição está imbuída de centração na leitura textual de lazer e associa promoção da leitura a promoção da biblioteca. Numa outra existe maior abrangência e o enquadramento de elevação de competências leitoras nas finalidades da promoção da leitura: *A noção de práticas de promoção (ou de fomento) da leitura relaciona-se com a criação, junto de uma dada população, de competências de compreensão do código escrito (alfabetização), com a elevação dos níveis de leitura em geral ou relativamente a um suporte em particular (designadamente o livro), em quantidade e/ou em qualidade, com a elevação dos níveis de compreensão do texto escrito e da sua utilização quotidiana (literacia) ou ainda com o enraizamento dos hábitos e do gosto pela leitura. Consideram-se ainda práticas que, de um modo continuado, pretendem aproximar os potenciais leitores dos diversos suportes de leitura, criando uma relação entre as acções a desenvolver e o público-alvo, transformando-o em sujeito activo, numa tentativa de, assim, formar leitores e diminuir, a médio e longo prazo, os níveis de iliteracia.* (Neves; Lima; Borges, 2007, p. 10).
- 97 Segundo Bardin (2008), podem encontrar-se correspondências entre o discurso dos entrevistados e características do fenómeno, ainda que esta correspondência entre enunciação-fenómeno possa não ter exacta sobreposição com a realidade.
- 98 Note-se que Kathy Pike define literacia “*as the ability to communicate effectively using all the language modes both for learning and for pleasure. Moreover, we believe that literacy is best attained through authentic reading, writing, listening, and speaking activities*” (PIKE, 1994: X) Uma concepção que valorize a acção e participação activa dos públicos nessas práticas mas associa-as, indubitavelmente, a actividades que sejam autênticas actividades para a promoção da literacia, uma separação de águas que dividem estas actividades das de outro tipo.

- 99 Nem são evidentes, salvo casos minoritários, perspectivas de integrar nas PPL a dimensão de exploração de acessos a fluxos de informação digital que caracteriza as novas bibliotecas híbridas, o que não surpreende perante a própria incipiência do fenómeno nas BP portuguesas.
- 100 Tal apesar das perspectivas avançadas para o mercado da edição digital: *We expect the worldwide digital books market to grow at an average rate of 30% per year between 2010 and 2015 to reach 5.4 billion EUR in 2015, some 12% of the total book market. E-Book readers will also develop fast from 3.3 million units sold in 2010 to 29.8 million units sold in 2015, representing a 24% growth rate per year.* (Lubrano, 2012). Também quase não se perspectivam actividades de promoção de leitura e edição digital, ainda que para isso existam recursos gratuitos disponibilizados na internet.
- 101 Ainda que, como Manuela Barreto Nunes afirma: *Hoje, poderíamos falar de formas mais sofisticadas de exclusão: excluídos por não saber usar as tecnologias da informação e comunicação, excluídos por não possuir os equipamentos necessários para aceder à informação, excluídos por não saber pesquisar, seleccionar, avaliar, processar informação. Inclusive sem falar das competências necessárias para realizar a maior parte dos trabalhos no mercado de emprego actual, a verdade é que, praticamente sem excepção, todos os serviços, públicos e privados, utilizam nos nossos dias formas variadas de relacionamento digital com os cidadãos – os bancos, o comércio, a administração pública, os museus, as telecomunicações... –, o que transforma os vários novos tipos de literacia, nomeadamente a informática e a informacional, em capacidades essenciais para a vida quotidiana dos cidadãos.* (Nunes, 2007, p.56)
- 102 *Libray labs*, são laboratórios, oficinas, oferecidos em bibliotecas híbridas que procuram acompanhar a inovação. Disponibilizam espaços de produção, com ênfase em equipamentos e meios digitais, que permitem às pessoas acesso a recursos tecnológicos e informativos a que elas dificilmente poderiam aceder de forma particular com meios privados (impressoras e scanners 3D, conteúdos digitais originalmente não disponíveis para acesso público). Com isso visam fornecer-lhes meios para elas desenvolverem e concretizarem projectos. Tal enquadra o fenómeno *library labs* na função tradicional das bibliotecas, a de providenciar às pessoas a garantia de acesso público a conteúdos e equipamentos, que são recursos para elas próprias adquirirem informação e formação para consolidar, trabalhar e/ou produzir criação e conhecimento. De alguma forma estes *labs* resgatam antigos ideários e actualizam perspectivas sociais sobre o papel das bibliotecas públicas no séc. XXI. *Os media digitais, dada a sua vertente promotora de interacções múltiplas, requerem mais do que o desenvolvimento de competências de leitura crítica. É necessário controlar os modos e contextos de interacção e ter em conta a mudança generalizada da maioria dos sujeitos de consumidores para produtores requerendo o desenvolvimento de uma consciência cívica da cidadania digital baseada na interactividade e na geração de conteúdos.* (Costa, 2011, p. 176)
- 103 Uma nota suplementar. Ao longo da entrevista a amostra discorreu sobre questões com lateralidade às PPL. Nas suas preocupações pressentiu-se uma *relativa ausência de um pensamento estruturado sobre os actuais desafios ao papel das bibliotecas* na actualidade, novas dimensões culturais, decréscimo de recursos para, numa época de transição civilizacional e de suportes de leitura, as bibliotecas manterem e inovarem. Tal apesar de hoje os fluxos, interfaces, serem realidades em expansão, e assistir-se a um reposicionamento do paradigma de posse que se articula com novas formas de acesso e de uso sobre o objecto de leitura, e que limita particularmente o acesso e a disponibilização pública de formatos digitais. Todavia, dimensões como a pesquisa, avaliação, selecção, ferramentas distintas, uso de recursos digitais e capacitação para novas aptidões não se afigura poderem continuar marginais a processos de mediação e desenvolvimento de competências leitoras, ainda que o seu sucesso também se afigure improvável sem hábitos e gosto pela leitura.
- 104 Apesar de ser evidente nas bibliotecas da nossa amostra um esforçado empenho, trabalho local e PPL terem por base o livro impresso, na realidade nem sempre existe para a promoção da leitura (textual ou outra) enquadramento contextual, recursos materiais e humanos, oportunidades e ofertas para diversidade de abordagens e explorações. Nem para que as bibliotecas acrescentem ao seu trabalho significativas actividades culturais, lúdicas, de educação informal (ou mesmo formal no sentido de ser validada por certificações) e outras actividades que complementem e consolidem práticas de promoção da leitura e de literacias. Contudo, programas e acções deste tipo também poderiam ser um meio eficaz para aproximação aos resultados visados pelas Directrizes da IFLA para uma literacia ajustada a uma cultura da informação e possibilidades de ampla fruição lúdica: *“O acesso a obras criativas e ao conhecimento é um importante contributo para a educação pessoal e para a realização de actividades recreativas construtivas”* (Koontz, 2010, p.16).
- 105 Perspectivas mais em voga ou com maior visibilidade, porventura limitadas e limitadoras, afirmam textualmente que *O que a maioria da população tem é necessidade de informação e tecnologias em constante mudança.* (Koontz; Gubbin, 2010). Temos reservas sobre esta absolutização (veja-se em Silva e Vaz, 2012^a, pp. 110-112) e alguns autores expressam-se no sentido de procurar uma pertinente equilibração:
- *Não pertencem à família dos nostálgicos que lamentam aquilo que designam como uma decadência dos saberes, uma diminuição do nível dos alunos, ou a extinção da cultura escrita, o seu erro parece-me derivar da aplicação anacrónica de critérios de julgamento antigos, e socialmente determinados, a novas realidades, sejam elas sociais (com a democratização do ensino) ou técnicas (com a entrada no mundo numérico [digital]). O que permanece válido estará dependente das pressões acrescidas da “exigência social”, como costuma dizer-se do trabalho científico? As disciplinas de erudição enfrentam sérias dificuldades para manter o seu lugar no campo universitário ou nos programas dos grandes centros de investigação. Portanto, como é atestado por exemplos notáveis, não existe contradição entre a prática de uma erudição rigorosa, ligada a passados longínquos, e a compreensão crítica do nosso presente. (...) Para lá desta capacidade crítica, as disciplinas de erudição ajudam a compreender que o presente é feito de passados sedimentados ou recompostos e que, para os decifrar, é preciso poder situá-los na sua história própria. Temos de acreditar que os governantes de hoje o vão saber compreender* (CHARTIER, 2012, 15).
 - (...) *o que se exige hoje são múltiplas alfabetizações, ou o que Tyner (1998) chama de “tool literacies” (computadores, redes, tecnologias) e “representation literacies” (da informação, dos media, visual...), cada uma com as suas características e objectivos sociais específicos e cujo cume se alcança com o domínio das “technologies of the intellect”, que asseguram o acesso criativo e a utilização crítica de informação, técnicas de comunicação e diálogo e metalinguagens. (...) Na realidade, a preocupação com a promoção das literacias não pode ficar-se pela transmissão de competências de informação, esquecendo a memória cultural e a abertura de horizontes proporcionadas pelo contacto com a história, o património, as artes e a literatura* (Nunes, 2007, p. 51-52)
 - (...) *cette richesse d’informations disponible n’évite pas le dénuement documentaire tant l’incapacité à accéder réellement au document pertinent est constatable. Cette incapacité est technique mais surtout intellectuelle tant les qualités en littérature exigées par certains documents excluent la possibilité de compréhension (...) la culture technique et son héritage scientifique voire artisanal font pleinement partie d’un héritage culturel à transmettre, tout comme les composants techniques de la culture littéraire. Il faut donc plaider pour une réconciliation entre les deux cultures afin que la culture littéraire et la culture technique soient toutes deux pleinement constituantes de la culture de l’information”.* (Le Deuff, 2009: 312, 373).
- Creemos que estamos perante um problema que tem bem menos a ver com a realidade tecnológica digital do que com perspectivas sociais

e culturais existentes na sociedade.

- 106 Conhecimento cultural validado, leitura e uso consistente de informação, mesmo sobre expressões culturais em voga, ou alternativas e emergentes no actual ambiente cultural e tecnológico, defrontam-se com um contexto cultural que muitos autores consideram desfavorável e não promotor de reflexão, de formulação de juízos críticos informados e fundamentados, de construção de memória colectiva, de acréscimo de conhecimento tecnológico, científico e humanístico validado. Theodore Adorno criou e reflectiu sobre o conceito de *indústria cultural* e o significado dos resultados das produções da arte e da cultura submetidas à lógica da produção industrial e comercial. Uma indústria cultural que deu lugar a criações culturais e artísticas esgotadas e mercantilizadas e impôs um paralisante gosto massificado, um consumo acrítico e alienação social do real. As ofertas da *indústria cultural* são frequentemente limitadoras de participação intelectual e crítica. Assentam numa produção massificada; manipulação do real e das escolhas; promovem desindividualização deformadora e diluidora de singularidades individuais e culturais e surgem desligadas de dinâmicas históricas, sociais e culturais. Pensadores ideologicamente distantes denominaram o actual contexto sociocultural por *sociedade do espectáculo* (Debord, 1992), *civilização do espectáculo* (Vargas-Llosa, 2012), *cultura de entretenimento*, (Martel, 2012) ou *sociedade da decepção* (Lipovetsky, 2012). Uma sociedade que valoriza o efémero, o que dificulta a construção da memória colectiva sobre o presente e o seu património cultural, e uma reflexão crítica e participação cívica e social dos indivíduos. Sem referências culturais na *consciência colectiva*, dominadas pela *sociedade de hiperconsumo* as pessoas, atraídas pela ilusória promoção de produtos uniformizados, apresentados como se fossem ofertas substantivamente distintas, podem tender a absolutizar a sua fixação no *mainstream* (ver nota 85), a viciar-se em *jouir à tout prix* (Melman, 2002), podendo os comportamentos individuais e sociais evoluir para um puro gozo, com o risco de um *fascismo voluntário* (Melman, 2005). Nas reflexões destes pensadores (e também na do Papa Francisco, na entrevista de 11-06-2014, quando afirma que a nossa sociedade é uma *cultura de descarté*), poderemos considerar a fruição como o actual “*zeitgeist*” hegeliano (a palavra por ele utilizada para descrever o espírito da época, o correspondente ao sentir e à visão do mundo da maioria das pessoas). Hegel deu um carácter histórico a este conceito, associando-o ao meio ambiente prevalecente num determinado espaço-tempo em cada época histórica, o que lhe conferiria características distintivas (Hegel, 1979). O nosso actual *zeitgeist* poderá desterrar para parte incerta não só o objecto cultural e educativo de bibliotecas e outras instituições, bem como o valor da própria informação se este não for inscrito e avaliado num quadro sociocultural mais vasto: “*Il s’agit donc de percevoir l’information non pas selon le paradigme informationnel qui consiste à faire de l’information une valeur marchande qui ne cesse de décroître, mais de développer la formation à l’œuvre dans l’information pour aller vers la société des savoirs dont la valeur se maintient. (...) Dans la logique de la société de l’information, tout devient mesurable si bien que la quantité prime sur la qualité*” (Le Deuff, 209, p. 408). Tal lógica, acompanhada na realidade de uma continuada depreciação do processo educativo, dificilmente deixa espaço ao discurso retórico sobre sociedades educativas, nem se afigura promotora de um contexto social onde as pessoas precisam fazer uso da razão e em todos os seus percursos saírem do seu estado de *menoridade* para o de *maioridade* de entendimento (Kant, 1853).
- 107 Veja-se Pineda (2015).
- 108 Afigura-se-nos que a concepção e desenvolvimento de efectivas PPL dificilmente se podem fazer com pertinência social sem as enquadrar num programa articulado que comporte dimensões culturais, técnicas, estéticas, éticas e políticas e sem que nelas, também, se projectem conceitos de visão e promoção da leitura não dissociados de competências de leitura, literacia de informação (uma *meta literacia*, como Serap Kurbanoglu se lhe refere) e outras literacias, já que a noção de PL numa cultura da informação entrecruza-se com técnicas de leitura em diversas linguagens, disciplinas tecnológicas, científicas, criativas, ciências humanas e sociais.
- 109 Reflectindo sobre estas questões, e desde logo sobre a visão e significados atribuídos pelos bibliotecários a promoção da leitura, podem-se suscitar novas hipóteses de questionamento, interrogações que urge fazer perante a situação da *cultura leitora* portuguesa que, apesar das melhorias registadas, ainda não consegue ultrapassar a nível internacional um patamar médio na sua avaliação. Muito caminho as bibliotecas também têm pela frente para o desenvolvimento, qualificação e atractividade das PPL. Um caminho que se faz caminhando e com consciência crítica dos bibliotecários sobre papel social da leitura e da sua promoção, campo onde, porventura, também espelham a sua consciência social e pessoal sobre ela.
- 110 Uma nota final. O reconhecimento, e agradecimento, da colaboração que dos bibliotecários e técnicos responsáveis pela mediação da leitura prestaram à nossa investigação. O seu apoio foi de relevância imprescindível. E cremos que devemos deixar também o seu testemunho da positiva apreciação que conferiram à sua participação. Disseram-nos que ela foi uma invulgar oportunidade de introspecção crítica para reflectirem sobre o seu trabalho de promoção da leitura face ao isolacionismo e desconhecimento que impera entre bibliotecas e profissionais sobre PPL. Esta situação, e o estado da arte sobre o tema, deveriam motivar e encorajar a produção de futuras investigações. Tendo noção que elas são necessárias, reiteramos esta recomendação que é, também, feita noutros estudos. Por exemplo, no de Neves, Lima e Borges (2007) que, apesar de se reportar a uma realidade transnacional e não se centrar especificamente no que são e como se processam PPL, alerta para essa necessidade: *Com vista a desenvolvimentos futuros (eventualmente na 2.ª fase do PNL), isso implica, sobretudo, identificar os objectivos específicos a privilegiar entre nós e confrontá-los com os objectivos e práticas dos projectos levados a cabo nos países da OCDE. A identificação dos objectivos específicos poderá exigir a mobilização de mais informação, para lá da que se fornece no âmbito do presente estudo.* (Neves; Lima; Borges, 2007, p. 72). Cremos que se trata de um campo em aberto para muito trabalho, particularmente no da aplicação de metodologias qualitativas ao fenómeno das PPL, mas também a investigações sobre elas desenvolvidas não só por um investigador mas por equipas disciplinares diversas que lhes aportem os seus contributos (linguística, sociologia, psicologia, antropologia cultural). Cremos também, que um mais cabal conhecimento do fenómeno das PPL muito poderia beneficiar do recurso a métodos de observação e pesquisas focalizadas num acompanhamento continuado de PPL. Dessa forma, possivelmente, teríamos melhores resultados para uma problemática apontada por Manuela Barreto Nunes: *Não são ainda, no entanto, muito claras as consequências dos estudos, da diversidade da oferta e das actividades de promoção da leitura, nomeadamente no que diz respeito à efectiva criação de hábitos de leitura, isto é, de leitores com percursos de leitura sustentados e duradouros.* (Nunes, 2007).